

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

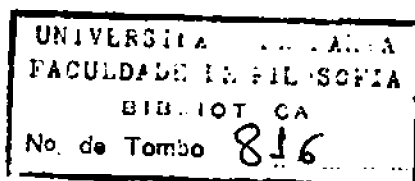
ANTONIO CONSELHEIRO

Uma reformulação à luz da
Psicologia Social.

Flávio J. Simões Costa

Mestrado de Ciências Humanas
Universidade Federal da Bahia
1968/69

Dissertação apresentada sob a orientação do Prof. Dr. José Calasans.



TE
COS

Universidade Federal da Bahia - UFBA
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Esta obra foi digitalizada no
Centro de Digitalização (CEDIG) do
Programa de Pós-Graduação em História da UFBA

Coordenação Geral: Carlos Eugênio Líbano

Coordenação Técnica: Luis Borges



VIRTUTE SPIRITUS

Junho de 2005

Contatos: lab@ufba.br / poshistro@ufba.br

I N D I C E

- I - Esclarecimentos preliminares** pg.3
- II - Um pouco de história da psicopatologia** pg.17
- III - Crítica a um diagnóstico** pg.30
- IV - Antonio Conselheiro: um caso de
readaptação do esquema vivencial** pg.106

" ETHOS ANTHROPOU DAIMON "

(o caráter do homem é seu destino)

Quem será este selvagem
Este vulgo santarrão
Que encoberto de coragem
Fere luta no sertão?

(da poética anônima eôbre Canudoe)

P R Ó L O G O

Que a paisagem física de Canudos re -
pouse em paz, submersa sob águas profundas num açude
de promessas redentoras. Que as lágrimas muitas ali
vertidas multipliquem-se na esperança das águas que
abrandarão um futuro sertão, mais humano e menos trá-
gico para tranquilidade da consciência dos pósteros.
Mas não sepultemos na injustiça de uma lembrança de
loucura, a memória do Conselheiro, que ainda hoje, pa-
ra o sertanejo, continua sendo um dos poucos leniti-
vos, em sua crença ingênua no Santo do Belo Monte.

I. Esclarecimentos preliminares

Se o campo de estudo da natureza psicológica do homem deve ou não restringir-se apenas aos fenômenos que se passam no mundo do psíquico, é discussão que na atualidade tornou-se comum em muitos ramos do conhecimento que têm como centro dos seus interesses o psiquismo humano, quer seja êste considerado isoladamente, em si mesmo, quer concebido como resultado o determinante de ações sociais, culturais, históricas etc.

Fora de dúvida que na análise da natureza humana as tentativas para compreender o fenômeno psicológico já não comportam um enfoque que pretenda abstrair o indivíduo da sua realidade exterior, da sua reatividade existencial, do seu meio social enfim, mesmo porque tal enfoque resultaria em tentativa fadada ao insucesso por acreditar-se ser possível obter uma real compreensão do homem, tomando-o como ser isolado, possível de ser compreendido em si mesmo. Hoje, a ciência do homem vem pondo em dúvida tal possibilidade, e a própria sociologia, esquecendo o impasse criado por Durkheim(1) quando acreditara só ser possível

(1)-Como se sabe, nas Regras do Método Sociológico Durkheim afirmou que um fato social deve sempre ser explicado por outro fato social antecedente e nunca por um fato psicológico, quando sentenciava: "os fatos sociais são irreduzíveis a fenômenos de psicologia individual".

construir uma ciência sociológica com a rejeição pura e simples da psicologia, como possibilidade para explicação dos fatos sociais, vem proclamando, como insistência, a necessidade de uma mais efetiva intercomunicação como o mundo do saber psicológico para melhor exercer seu desiderato de conhecer o homem-social, produto também de situações vivenciais onde o primado do psicológico é marcante. Por outro lado, o saber psicológico, e a Psicanálise é dieto testemunho eloquente, se tem inteirado do significado do sociológico no fato psicológico, ressaltando a importância que as normas exteriores, o meio social, desempenham na estruturação e dinâmica da vida psíquica humana. A tal ponto este movimento conciliatório tem sido aceito, que chega a gerar condições favoráveis para o surgimento de aportações mistas, que à maneira de fórmulas inspiradas, aparecem como única solução possível para resolver certos problemas ligados a um mais espaçoso e profundo conhecimento da problemática humana, em desdobramento científico do tipo da Psiquiatria Social ou da Psicologia Social, disciplinas ou ramos científicos que versam sobre o comportamento psicológico do homem em situação social, especializações de marcante progresso no atual estágio de desenvolvimento das ciências do homem.

Constantemente estamos a verificar que

se torna muito dificultada a compreensão da noção vida interior (psicológica) se a separarmos do seu contexto social que envolve detalhes significativos tais como família, grupo, liderança, motivos sociais, etc.; dificuldade que se amplia se ao pretendermos isolar o homem, na tentativa de uma sua melhor compreensão, concebemos a existência de um por assim dizer, homem in natura, homem-em-si, portador de um "destino vivencial", de colorido particular, exclusivo, individual, a que convencionamos chamar de personalidade, distinto daquele outro que seria como que plasmado pelo adestramento social. Contrariamente, verificamos que o trabalho de compreensão do homem é grandemente facilitado quando o concebemos como uma unidade reativa portadora de uma singularidade (a personalidade) que é sempre reflexo do panorama sócio-cultural que ele vivencia, ou dito de outra forma, quando estudando o homem não se perde a oportunidade de vê-lo sempre, como unidade sui-generis, resultado de uma interação organismo-meio, que redundará numa aptidão singular, numa síntese individual que é a personalidade, realidade cuja compreensão e análise não permite omitir o fator extra-indivíduo, externo, ambiental, onde a personalidade foi, por assim dizer, moldada, e com a qual, continuamente, manterá contacto de inter-relação enquanto existir o ser vivo pleno de dinâmica e existência.

Pode-se mesmo dizer, que, na pretensão de mais e mais compreender o homem, os campos de conhecimento sociológico e psicológico devem, necessariamente, correr paralelos, e permitirem-se inter-auxílio instrumental e teórico, inter-incursões em seus mútuos campos de interesse, enquscendo-se anteriores concepções de exclusividade referentes a este ou a-quele aspecto particular da natureza humana, e isto como consequência mesmo da própria estrutura do problema da análise do homem, pois, tanto a sua realidade social como a psicologia, longe de serem limitadas e simples, são dados complexos, fenômenos de multi-referências, cuja compreensão requer, na maioria das vezes, o concurso inter-disciplinar de muitos dos ramos do saber que se dedicam ao homem e ao seu mundo de criatividade.

Ao se considerar o homem no universo das circunstâncias históricas, sociais, econômicas, literárias, política etc., enfim no seu mundo de criação, já não há como pretender optar-se por enfoques unilateralis, onde vendas ideológicas impedem uma visão mais ampla de fatos que em si, não são simples, objetivas e de fácil apreensão. Tal por exemplo, é o fenômeno personalidade na pessoa humana. Tema aparentemente da exclusiva competência da psicologia, na atualidade, dêle vem se ocupando outros estudiosos das ciên

cias do espírito. Antropólogos, Psicólogos, Sociais, sociólogos, entre outros especialistas, têm tratado do tema personalidade em seus específicos campos de interesse, ressaltando um aspecto comum que envolve o fenômeno personalidade, qual seja o de que sua real compreensão leva, obrigatoriamente, a abordagem multidisciplinar, que resulta quase sempre, na necessidade de esquecer especificidade de campos, esferas restritas de interesse científico, para se obter explicações mais amplas, mais próximas dos fatos, mais condizentes com a realidade que se pretende analisar e conhecer. Tal interpenetração, aos olhos de uns quantos exclusivistas, um tanto perigosa, sobretudo porque é aportação pouco ortodoxa, vem na esfera do sociológico, ganhando adeptos e em oportunidades que surgem em crescendo, travamos conhecimentos com defesas como aquela que faz Roger Bastide(2) dizendo sobre o assunto: " Hoje... surgiu uma psicologia nova, mais exata e mais próxima dos fatos. Se Durkheim a tivesse conhecido, certamente não teria transformado em condenação de toda psicologia como princípio dos fatos sociais, a

(2)-BASTIDE, Roger-Sociologia e Psicanálise- IPE. São Paulo-1948-pg.11

condenação, aliás justificada, da psicologia de seu tempo. O pronunciamento de Durkheim deve, pois, ser considerado como condenação histórica, válida para certo estágio, já ultrapassado, das ciências do espírito. Mas hoje, possuindo enfim conhecimento psicológico mais profundo do homem, nada impede que o apliquemos à explicação dos fatos sociais. " Da observação de que muito do indivíduo é produto de um modelamento social e, inversamente, que o social sofre comprometimento da esfera psicológica dos seus membros participantes, fica-nos a possibilidade de proceder à análise de fato social e de compreender certos aspectos da realidade psicológica do homem com o duplo curso da sociologia e da psicologia. O conhecimento da realidade psicológica do homem, manifesta em realizações exteriores sob a forma de conduta, como vista pela abordagem " behaviorista" para quem a conduta humana constitui apenas um conjunto de reações externas a estímulos do ambiente, defendendo o ponto de vista de que, os fatos sociais são de natureza psicológica, abre amplas perspectivas de análise para uma série de fenômenos psicológicos-sociais e tem levado amplo número de especialistas das ciências humanas de ontem e de hoje, (3) a participarem desta simpatia por

(3)- Entre outros citaríamos: Gabriel Tarde, considerando a "imitação" fator básico dos fenômenos sociais; Leopold von Wiese, que com sua "teoria das relações" admite ser a conduta o elemento básico da Sociedade; Giddings que vê na "consciência da espécie" o elemento essencial dos fenômenos sociais; Ellwood que identifica a sociologia com a psicologia social; Steffen que defende ser o método psicológico o único aconselhável para as

uma mais ampla interpenetração sócio-psicológica em teoria e pesquisa, não sendo poucos inclusive, os eminentes sociólogos contemporâneos que têm aplicado princípios e técnicas de Psicanálise, bem como processo e postulado da Gestalt-Psychologie, ao estudo dos fatos sociais.

Não há pois que duvidar haver entre psicologia e sociologia relações, das quais se pode beneficiar o pesquisador que se propõe analisar o homem, como unidade psicológica, ou como membro participante da realidade social. Conceitos psicológicos podem ser postos a serviço da análise sociológica e, inversamente, apertações sociológicas podem gerar esclarecimentos e explicações para muitos dos aspectos psicológicos da natureza humana. Múltiplas contribuições válidas para a compreensão de fenômenos psicológicos e sociológicos, que envolvem o homem como fato-em-si ou como participante podem ser obtidas, cremos com o emprego de uma técnica de abordagem que se valesse das perspectivas de compreensão que permitem os conhecimentos sociológicos e psicológicos, quando empregados conjunta e convenientemente, explorando as potencialidades de aplicação que estão reservado para o uso das relações entre as duas ciências, explorando "a possibilidade de encontrar entre estes dois ramos de

conhecimentos, ou melhor, entre estes dois métodos de pesquisa-método psicanalítico e método sociológico-no vos modus vivendi", como bem o diz Bastide(4)

Dai nossa presente pretensão de numa dissertação para obter o Mestrado em Ciências Humanas, optarmos por um tema que envolva tentativa de reformulação do diagnóstico psiquiátrico que o professor Nina Rodrigues fez de Antonio Conselheiro, assunto que a primeira vista, parece fugir da temática do referido curso. E para que pareça menos estranha nossa preferência que repetimos, a primeira vista parece fugir do âmbito de um estudo no campo das ciências sócio-psicológicas, parecendo mais tratar-se de uma análise médico-psiquiátrica, queremos lembrar que a nossa incursão ao terreno das doenças mentais, abordagem conceptual e histórica contida na primeira parte desse trabalho, visa apenas esclarecer a posição teórica em que se situara o professor Nina Rodrigues ao elaborar o seu famoso diagnóstico, de implicações históricas importantíssimas, desde quando contribuiu para perpetuar um falso "retrato psicológico" de Antonio Vicente Mendes Maciel, figura histórica central do drama de

(4)- BASTIDE, Roger-op.cit.pg.12

Canudos que a obra euclidiana tornou mundialmente conhecida. O que aquele místico foi, efetivamente, como pessoa e figura histórica, só poderemos dizer quando se reformular, substancialmente, sua biografia, quando homens com bagagem cultural a altura do empreendimento, (5) resolverem proceder uma análise profunda dos motivos que impulsionaram Antonio Conselheiro a ser o que foi. Aqui, é nossa modesta pretensão apenas, agitar o problema central da análise da "loucura" daquele homem, formulando como que notas preliminares para um estudo mais extenso, estudo que necessariamente colocará a descoberta a verdadeira natureza da loucura de Conselheiro, evidentemente, dentro de novos conceitos de loucura, porquanto a inadaptação psíquica deixou de ser objeto apenas da ciência média e como tal considerada como a natureza de um defeito, para ser tida de, por exemplo, psicologia social, por ser encarada como a resultante de fatores psico-sociais, fatores que têm uma história e que representam a soma de conflitos ocorridos nas diversas fases de desenvolvimento do indivíduo, desde o seu nascimento. É isto

(5)- E aqui lembramos o nome do Prof. Dr. José Calazans, que por questão de justiça devemos destacar, como maior conhecedor de Canudos e sem cuja colaboração e direção este trabalho não poderia ter sido escrito.

porque a loucura, como forma de inadaptação, representa a síntese das várias tentativas, frustradas ou não, de ajuste ou de luta do ser ante as dificuldades de - correntes do comportamento familiar ou de enquadramento impróprio nos diversos grupos intermediários, na realidade vivencial, na escala progressiva de ajustamento que o viver impõe, podendo ser também a loucura, num certo sentido, fórmula de readaptação do eu no mundo. Mas este detalhe, infelizmente, fica em muitas oportunidades minimizado, passando despercebido, ressaltado que é apenas o aspecto mórbido, de implicações médico-psiquiátricas.

Nossa tentativa de reformulação referente à loucura de Antonio Conselheiro, apóia-se na suposição da existência de uma patologia social, que tratando do homem e do grupo possa ser objeto de análise de uma psicologia social mais ampla, que possa envolver inclusive, temas psiquiátricos, com toda a amplitude de conceitos daquela "psiquiatria do homem normal" que Fritz Kunkel defendeu, ou conforme o pensamento de Gonçalves Fernandes(6) em sua visualização

(6)- Iniciação à Psiquiatria Social-IEC-Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais-Recife-1958-Pg. 6

sócio-cultural dos processos psiquiátricos, possa apoiar-se "numa nova ciência racional surgida da necessidade de reunir num conjunto os pontos de vista, as técnicas em métodos das ciências psicológicas e sociais, para uma melhor compreensão das reações humanas diante das culturas; do "behavior" individual em face das situações de desajustamento individual ou coletiva; dos impactos emocionais resultantes de conflitos sociais e de suas decorrências na esfera da conduta; da responsabilidade dos "stressos" psicológicos, sociais e biológicos no mais vasto sentido psico-biológico-social; das expressões reacionais de neuroses e psicose-de-situação resultantes da civilização, tomada como fator repressivo e neurotizante; dos fenômenos da interação mental; do estudo das neuroses e psicoses e suas relações com as classes socialmente hierarquizadas; e das sociais interações da doença mental no grupo e na comunidade".

Assim é que uma tal psicologia social corresponde a uma expansão de problemas antropológicos, genéticos, sociais, espirituais, morais políticos econômicos etc. em uma interdependência tal que exige norma diferente e independente de análise, tratando-se do exame do comportamento e da reação do indivíduo e do grupo, dentro de outros ângulos e aspectos, sendo uma psicologia social assim concebida, de conformidade com o ponto de vista de Klineberg(7) tentativa ampla de

(7)- KLINEBERG, Otto-Psicologia Social-Ed.Fundo de Cultura São Paulo, 1967.

estudar cientificamente o indivíduo quando influenciado por outros indivíduos em situação social, disciplina que alcançando singular importância nos últimos anos, inter-relaciona-se com a psicologia geral, e nessa em especial com a psicologia diferencial e da personalidade, com a sociologia e com a antropologia, incluindo a aplicação dos princípios da evolução e da hereditariedade à sociedade, campo de conhecimento do qual se pode relacionar entre outras principais áreas de problemas a que diz respeito as diferenças individuais e grupais, quer dizer, o comportamento do indivíduo isolado e em grupo; a que se refere a uma patologia social que envolveria exame dos aspectos patológicos da vida social e a terapêutica adequada, particularmente os problemas de anormalidade mental, da delinquência e do crime, das hostilidades intergrupais e discriminações; e a de uma sociologia da criança; cultura e personalidade, isto é, capítulo onde se enfoca o estudo da maneira pela qual a criança torna-se adulto socializado, através de um processo de condicionamento cultural e psicológico. Seria nesta última área de interesse, onde se incluiria o estudo da personalidade, que a psicologia social encontraria um campo de estudo e pesquisa particularmente válido para um melhor entendimento do homem e seus problemas, mediante uma mudança na ênfase de tratamento do tema personalidade, transferindo a controvérsia quanto à sua natureza, do âmbito biológico-criação para uma referên-

oia mais direta aos fatores sociais e culturais, fugindo, logo se vê, de uma abordagem constitucional, de talhe que embora relacionado entre os outros grupos de determinantes da personalidade- determinantes de participação no grupo, de role e situacionais,- conforme querem Murray e Schneider, pode ser mais proveitosamente objeto de tratamento na área da psicologia geral ou biologia social.

Por isto, concebemos ser possível enfocar problemas de alteração das características da personalidade, num trabalho que se supõe ubicado na área das ciências sócio-humanas, notadamente no campo de uma psicologia social como esboçada nas linhas anteriores, sobretudo porque acreditamos ser possível uma melhor compreensão e entendimento do homem, como ser existencial, partindo-se da análise da evidente relação existente, entre o indivíduo e a cultura, mesmo naqueles aspectos que dizem respeito a detalhes tais como personalidade e estrutura psíquica, abordagem

que, diga-se de passagem, não é original nem "desoberta" do autor desta monografia, porquanto tendência conceitual amplamente encontrada na esfera do conhecimento psico-sociológico.(8).

(8)- Veja-se em abono: L.L. Bernard-Psicologia Social- F.C.E. México 1946 parte III- "A integração da personalidade no meio psico-social; George H.Mead- Espiritu, Persona y Sociedad- Ed. Paidós - B. Aires 1953 - Parte I Psicología Social y conductismo; Parte III pg.225 - " La Realización de la Persona en la Situación Social"; David Krech et alii- O individuo na sociedade- Idv. Pioneira Ed. S.Paulo 1969- II Parte - " Personalidade e possibilidade de modificação" - pg. 254; Saloman E. Asch - Psicologia Social C.E.N.S.Paulo 1966- Parte II - Constância e Mudança Psicológica - pg. 66.

II- Um pouco de história da psicopatologia

Quando se enfoca o conceito na anormalidade psíquica, três pontos de vista, ao menos, podem ser examinados, tendo como fundo as seguintes concepções básicas: todo transtorno psíquico tem uma origem orgânica; toda alteração mental tem raízes puramente psíquicas e a aportação psicossomática estabelecendo que os transtornos psíquicos são também somáticos, inseparáveis do biológico, por quanto são expressões de uma mesma coisa unitária, que é o ser. Por outro lado, para focar-se o estudo da estrutura da anormalidade psíquica, três possibilidades básicas e distintas são viáveis: a primeira é a descritiva que, como o nome sugere, apenas descreve as manifestações psíquicas anômalas, lhes dá um nome e classificação; a segunda maneira, a analítica, busca dividir as manifestações anormais em seus elementos constitutivos fundamentais. A forma sintética, que seria a terceira possibilidade, busca encontrar um denominador comum de diversas manifestações psíquicas anômalas aparentemente desconexas, uma norma individual independente dos fragmentos divididos ou "anormais". Fora de dúvida que o ponto de vista descritivo e estatístico tem, na atualidade, meramente um valor histórico, bem como a colocação analítica que lhe seguiu, fruto da união da neurologia com a psiquiatria, considerando a loucura como uma apenas enfermidade do cérebro, ubicação que

ganhou aspecto de dogma na chamada escola anatomopatológica sintetizada no famoso axioma: "se não há lesão cerebral não há loucura". Considerava-se o cérebro "como um órgão sujeito a transtorno, como os demais órgãos do nosso corpo e se supõe que todo o transtorno mental era de origem orgânica e como tal se tratava portanto". (1) Essa teoria física estava unida geralmente a idéia de que a loucura teria necessariamente um fundo hereditário, inspirada tal tese nas idéias de P. Janet, que levantou a hipótese, largamente aceita em seu tempo, de serem os transtornos psíquicos originados por inferioridade hereditária. Foi a época áurea da orientação fisiológica quando o primado do físico era marcante e absoluto, a ponto de produzir no campo da insipiente psiquiatria obras como J.P.Grav- "Dependências da loucura de enfermidade físicas". Manifestação ainda da influência da teoria da "base física" do transtorno mental foi o interesse demonstrado pelos psiquiatras europeus e norte-americanos para descrever e descobrir, em todas as manifestações mórbidas mentais, traços reais de degenerescência hereditária, voltando-se com entusiasmo ob-

(1)- WOLFF. W.- "Desenvolvimento das teorias sobre transtornos psíquicos" in Psicopatologia- F.C.E. México- 1965 pg.24.

sessivo, nos fins do século XIX, para a neurologia, na ânsia de descobrir os elementos biológicos materiais-orgânicos dos transtornos psíquicos. Nesta época além do afan classificatório, Kraepelin e outros buscarem soluções objetivas para a loucura, pesquisando drogas que tivessem ação sobre as enfermidades mentais. O afan de objetividade redundou na busca da sintomatologia qualificatória que levasse à busca de uma definição precisa para cada quadro nosológico. Era preciso que se encontrasse "fórmulas" para as distintas manifestações do comportamento mental tido como anormal, e que se chegasse a um conceito válido de anormalidade psíquica. De tal premência pragmática, surgiram as tentativas de enquadrar em esquemas a natureza e classificação das enfermidades mentais. Os comportamentos, as idéias, atos e sentimentos que constituem a sintomatologia do que se convencionou chamar de "doença mental", foram inicialmente, objeto de minuciosas descrições por parte de grandes nomes da neuriatria tais como Morel, Seglas, Pinel, Tanzi, Schulle etc, que retrataram manifestações como mania, melancolia, delírio de perseguição, catatonía, demência etc. Assim, a enfermidade mental apareceu como um conjunto de conhecimentos específicos sob sua forma típica, e "o conhecimento desta "tipicidade" do quadro clínico através dos aspectos sintomático e evolutivo das infecções mentais foi elevada a seu mais alto grau de perfeição

por Kraepelin. " (2) A estrutura das anomalias da vida psíquica, como reflexo de uma desordem de ser psíquico foi assim, inicialmente, estudada a fundo no sentido de um determinismo heredo-constitucional, bem como, posteriormente, no sentido de um determinado inconsciente das exigências e repressões dos instintos, especialmente do instinto sexual conforme a aportação freudiana, sendo que, em ambos os sentidos, o processo mórbido foi e é considerado como profundamente "endógeno", ainda que seja em direções diferentes: como enfermidade da constituição ou como enfermidade das pulsões. Como bem assinala Henri Ey " cada um dos caracteres -tipicidade do quadro clínico-organicidade - endogeneidade-têm sido e são ainda objeto de inúmeras discussões".(3)

(2)- EY, Henri- " Natureza e classificação das enfermidades mentais" in Revista de Psicanálises, Psiquiatria y Psicología. México, nº 5, pg. 68, janeiro - abril- 1967.

(3)- op, cit. pg. 72.

Sem chegarmos ao rigor da chamada escola antropológica, que põe em dúvida o caráter radicalmente original da variação patológica e o conceito mesmo de enfermidade mental, há que revisar-se o conceito de distúrbio mental tal como entendido em seu conceito mais amplo e, porque não dizê-lo, popular. Amplos movimentos nêste sentido, conhecidos na história da psiquiatria como movimentos sociogênicos ou psicogênicos, se têm proposto abandonar a idéia de que a enfermidade mental seja sempre a expressão direta ou indireta de um transtorno somático, físico, objetivo, e como tal transmissível, hereditário. Muitos psiquiatras, também modernamente, repudiam a idéia de uma origem endógena dos transtornos, seja porque neguem a possibilidade de influêncin etiológica à herança, seja porque neguem a importância e a existência mesma da atividade mental inconsciente. De qualquer forma, admitindo-se a existência de enfermidade mental, a originalidade radical desta forma de patologia - a mental, é, pois, aparecer como uma estrutura negativa ou deficitária que não permite ao homem desenvolver-se ou manter-se em um nível de organização normal. E aqui nos ocorre perguntar: em que têrmos poderemos falar em nível de organização normal ou se tratando do comportamento humano? Como objetivar, de forma válida, um conceito de normalidade psíquica?

A definição do conceito de enfermidade mental ou a tentativa de apreensão das características da normalidade psíquica, digamos de início, não é trabalho desprovido de dificuldades. Isto porque em que consiste, objetivamente, a enfermidade psíquica não tendo sido, como vimos, ponto pacífico no contexto das ciências do psicológico, chegando ao tal ponto a controvérsia que, não é raro nem incomum hoje, deparar-se, na literatura especializada, com a desconcertante afirmativa de que não há loucura mais sim loucos, como que a evidenciar o quanto há de original e pessoal em cada manifestação psíquica anômala, e o quanto há de dificultoso, quiçá de impossibilidade, na tentativa de qualificar-se e caracterizar-se a anormalidade psíquica na espécie humana. Fora de dúvida, que a conduta humana é possível de desorganizar-se, em termos de certos padrões de comparação, e uma série de conflitos de natureza adaptativa se processam, quer considerando-se o homem como ser vivencial quer sabendo-se alguém que vive no mundo irreal, onde tudo é ilusão, prisioneiro deste mundo imaginário, obra da criação de cada um, como ensina Kant, onde cada qual vê um mundo de distinta maneira e, por esta razão mesma, experimenta estados emocionais submetido a uma atmosfera conflitual básica, pessoal e particular. Por outro lado, estamos continuamente expressando juízos

de valor com referência a comportamentos, qualificando como anormais manifestações de conduta, quando o ser experimenta estados psíquicos cujas intensidades ou qualidades sofrem desvios da norma habitual ou padrões aceitos.

O desequilíbrio psíquico, em termos de hiperexcitabilidade ou depressão, capacidade ou incapacidade para vivenciar sentimentos, manifestações compulsivas-obsessivas por imagens e idéias, sentimentos de tédio, desesperação, é experimentado por todos nós e só aos casos extremos é que qualificamos de anormais é, e "loucura de todo gênero", tem sido o rótulo qualificador para tais estados, através de tempo em quase todas as culturas. Mas, o denominador, em termos de uma única norma, de um quanto de desvio, que separe o normal do anormal, o são do patológico, não tem sido uniforme, único ou mesmo básico, na história da humanidade. Mas parece comum ter sempre havido, para grupos de culturas distintas, índices não uniformes quanto à maneira de aceitar como anormal um certo grau de desvio do nível psíquico habitual, situação que nos levaria a aceitar como índice, para conceituar a normalidade, uma atitude ou posição valorativa, segundo um conceito estatístico de norma. Assim, considerar-se-ia normal aqueles que tivesse seu comportamento próximo da tendência de um grupo típico de indivíduos, a portação que tenderia a objetivar o termo "nor

malidade" relacionado com o psiquismo humano, termo de tantas implicações subjetivas, em que pesem existir certas características absolutas e estáveis entre os valores variáveis relativos à normalidade de conduta humana. Sabe-se, por outro lado, que segundo o ponto de vista clínico, chama-se anormal ao sujeito que já não pode governar sua vida completa ou parcialmente ou põe em perigo seus semelhantes e ambiente.

Resumindo, parece válido observar que ninguém deve pretender investigar no campo da psicologia anormal, sem levar em consideração conjunta e, basicamente, os pontos de vista estatístico normativo e clínico, cuja aportação anteriormente esboçamos. O comportamento anormal, obviamente se infere de situações concretas, da observação da reatividade do ser no mundo, do seu comportamento adaptativo ao ambiente, sem manifestações agressivas auto e hetero-pessoal. Ora, de tudo que foi acima dito fica-nos a relatividade do conceito de normalidade psíquica e sua dependência a fatores somáticos e ambientais, o que nos levaria a afirmar que só há uma diferença quantitativa entre o tipo de reação normal e anormal, tanto que Foucault assinala que "um fato tornou-se há muito tempo, um lugar comum da sociologia e da patologia mental; a doença só tem realidade e valor de doença no interior de ... uma

cultura que a reconhece como tal".(4) Fora êste sentido relacional, convêm não esquecer que o sentido das funções psíquicas " função de . adaptação e realidade presente e função de construção da realidade em sua relação ao Eu", é fundamentalmente adaptativo à organização do espaço e do tempo, existe para dotar a vida de cada sêr das infra-estruturas necessárias para " construção" de sua consciência e de sua existência como pessoa. Há, fora de dúvida, uma base física da vida psíquica - o cérebro, que mesmo separado de uma concepção materialista e mecanicista comum ao século XIX, quando se o considerava apenas como local de associações, tem importância capital como sede física da vida psíquica. Mas, se o cérebro ao desenvolver-se, como lembra Henri Ey,(5) constitui o substrato do ser consciente em suas relações com o inconsciente, se a pessoa não se constrói senão pela ordem introduzida nesta estrutura física do campo da consciência por um sistema de informações e de valores que asseguram um lugar ao Eu e a suas ações, é claro que êste dinamismo evolutivo vulnerável, ou seja o edifício das formas arquitetônicas desta organização do ser psíquico corresponde o gênero das enfermidades mentais. Assim, resulta claro que a enfermidade mental está, por assim dizer, implícita na organização do ser psíquico. O ser consciente contém o inconsciente; a vigília

(4)-FAUJOUULT, Michel- Maladie Mentale et Psychologie- Presses Univ.de France, Paris, 1955, pg.67.

(5)- op.cit.,pg 81.

contém o sono; o Eu contém sua alienação; a saúde mental contém a psicopatia. Todas essas formas expressam este fato primordial: por sua organização e ser psíquico contém a enfermidade mental, ou para dizer de outro modo, a enfermidade mental está latente em todo o homem. Porém esta ontologia do ser psíquico, que implica em sua ontogênese a possibilidade mesma de desintegrar-se, nos permite alcançar outra verdade: se a enfermidade mental corresponde a um transtorno do psíquico, a uma desestruturação, ainda no dizer de Henri Ey, da estrutura do ser psíquico, há um comportamento sintomático da enfermidade mental manifestadamente anormal no ambiente que pode representar não necessária e obrigatoriamente uma desorganização mas, tentativa de encontrar uma nova fórmula de estrutura psíquica na adoção de uma "nova vida", cujos termos, paradoxalmente, no sentido da realidade íntima da vida psíquica, representem fórmulas menos conflitivas. Neste sentido a enfermidade psíquica representaria tentativa de recomposição do quadro psíquico em novas bases mais adequadas à realidade circundante, realidade esta que para o psíquico tornou-se imprópria para a realização vivencial subjetiva ou objetivamente, representando perigo e agressão para cuja fuga a instância psíquica elabora uma nova fórmula vivencial que, vista de fora, pode ser inferida como comportamento anormal ou estado de loucura. A validade de

encarar-se assim o fenômeno da loucura, a possibilidade de ver-se a loucura de todo o gênero por esta perspectiva pouco comum por não ser ortodoxa, não nos parece absurda e impraticável como aproximação sob a forma de tese. O reconhecimento que permite dizer: êste é um louco, não deve ser um ato simples nem imediato, apenas baseado em aparências ou exteriorizações. Quando alguém acredita diagnosticar a loucura como um fenômeno da natureza é comum repousar seu julgamento numa conceituação previamente estabelecida pela ciência, conceituação que êste alguém aceita ou considera válida para operar uma qualificação objetiva.

Mas, o julgamento da loucura não deve ser fácil, haja visto as implicações que comporta o reconhecimento da anormalidade psíquica, considerando-se em termos de um quanto, que é para cada cultura particular (e a ciência médica pode entrar aqui também como fenômeno cultural) e que evolue e se transforma com a própria configuração evolutiva desta cultura, e tanto é verdade, que aí está, a evidenciar-nos a validade desta observação, a pouco tranquila história da psiquiatria. Outrossim, observa-se que êste limiar, esta fórmula de reconhecer a loucura, êste quanto necessário ao seu reconhecimento objetivo não está apenas ligado à ciência médica,

nam tão pouco ligado à acuidade profissional do clínico e, como assinala Foucault "o louco pode ser perfeitamente reconhecido e isolado sem receber por isso um status patológico preciso". (6) Ao que acrescentamos inversamente: pode ocorrer que alguém receba o status patológico devido ao risco de um rigor científico de classificação sem um perfeito reconhecimento dos móveis que impulsionam o caráter "anormal" de sua conduta. Sim, a loucura existe mas a sua percepção, como reconhecimento de um estado mórbido, nem sempre é fácil e verdadeiro, sobretudo quando consideramos o conceito de normalidade não tão fácil de ser apreendido. O homem, como ser submetido a um mundo referencial, está por demais comprometido com símbolos e modelos, mesmo no mundo objetivo e altamente racional da ciência, ao ponto de poder transformar percepções, como por exemplo a percepção da loucura, em um apenas reconhecimento de estado configurado como doença, cuja natureza e significado nem sempre é apreendida em sua totalidade e que transcende em sua real significância as limitações de um diagnóstico.

Tudo isso vem à baila quando nos dispomos a analisar a justeza do diagnóstico que o professor Nina Rodrigues fez de Antônio Vicente Mendes Maciel, o famoso Antonio Conselheiro de Canudos, diagnóstico responsável por uma caracterização que, ao

(6)- op.cit., pg. 84.

nosso entendimento, pode ser substancialmente reformulada, buscando-se uma análise mais fidedigna da personalidade daquele que passou injustamente à história como o louco de Canudos e que teria sido, à luz dos novos fatos que sobre sua vida e personalidade se acumulam, em outras circunstâncias de tempo e de lugar, sobretudo de tempo, um venerado místico e traumaturgo, candidato talvez, -quem sabe? - a uma canonização e à glória de ser o tão esperado primeiro santo brasileiro.

III - Crítica a um diagnóstico

Antônio Vicente Mendes Maciel o famoso Antonio Conselheiro da tragédia de Canudos passou à história como louco. O que nos legou Euclides da Cunha quanto à personalidade do Conselheiro foi sob o ponto de vista psicológico uma descrição por demais sumária e conclusiva: "foi um louco que circunstâncias especiais fêz entrar para a história como poderia ter ido para o hospício. "O vigor da obra euclidiana, o monumento estilístico que, sobretudo, Os Sertões representa, conferiu foros de autenticidade para o retrato psicológico que se pintou do Conselheiro, e o tempo e a repetição enarregaram-se de firmar o que parecia ser o definitivo diagnóstico sobre os aspectos mentais da figura do "Santo do Belo Monte". É Antônio Vicente Mendes Maciel que passou à história como louco... Seu retrato psicológico está assim pintado em Os Sertões: "Doente grave, só lhe pode ser aplicada o conceito da paranóia, de Tanzi e Riva". "Em seu desvio ideativo, vibrou sempre a bem dizer exclusiva, a nota étnica. Foi um documento raro de atavismo. A constituição mórbida levando-o a interpretar caprichosamente as condições objetivas, e alterando-lhe as relações com o mundo exterior, traduz-se, fundamentalmente, como uma regressão ao estágio mental dos tipos ancestrais

da espécie". (7) Como se vê, é um diagnóstico que se apoia fundamental e completamente na teoria ve - sânica e do atavismo. Mas, seria tal diagnóstico original de Euclides da Cunha? Em verdade, tal retrato psicológico do Conselheiro encontrado em Os Sertões, está decalcado dos trabalhos de Nina Rodrigues referentes aos jagunços e às coletividades anormais, sobretudo "A loucura epidêmica de Canudos" publicado em 1897 no Brasil e 1898 em Paris(8), em que pese a insinuação ao contrário que Arthur Ramos deixa no prefácio da coletânea póstuma de Nina Rodrigues:(9) "O Mantsley que Euclides da Cunha reclamava em 1902, para as loucuras e os crimes das nacionalidades já existia em 1898. Mas nem sequer Euclides o avistou. Não parece mesmo ter conhecido o seu trabalho, conduzido com um critério científico tão rígido". (10)

(7)- CUNHA, Euclides-Os Sertões - page. 151 e 152

(8)- Annales Médico-psychologiques-Paris (maio-junho) 1898. Revista Brasileira-III ano, tomo XII, 1-11-1897, pg.69.

(9)- RODRIGUES, Nina- As coletividades anormais-Ed. Civilização Brasileira- Rio, 1939.

(10) - O grifo é nosso

Discordamos. Não só a terminologia científica do citado diagnóstico é ideológica, bem como se observa em Os Sertões, em vários trechos, a influência da tese vasânica que caracterizou o acima referido trabalho de Nina Rodrigues. Assim, nos parece válido analisar a fonte que julgamos ter inspirado Euclides da Cunha, para diagnosticar, psicologicamente, Antonio Conselheiro, buscando uma reformulação, se possível, do referido diagnóstico.

Iniciemos tentanto uma análise crítica da descrição psicológica que Nina Rodrigues nos legou acerca do Conselheiro. Para compreender a apor-tação do mestre maranhense, convém inicialmente, que chamemos à atenção para o quanto aquêle estava comprometido com as teses psiquiátricas comuns ao seu tempo. Da simples leitura de outros trabalhos seus reunidos na coletânea referida, que trata das epidemias de estasia-abasia, coreomania, mestiços brasileiros etc., sente-se o quanto Nina identificava-se com as concepções psiquiátricas vigentes à época em que escreveu, concepções defendidas principalmente, pela chamada escola francesa da degenerescência e pelas teorias italianas sobre o atavismo no crime e na loucura. Os seus estudos acerca das manifestações do comportamento coletivo são infalivelmente, inspirados nas idéias de Charcot, comumente associando o fenômeno epidêmico a uma manifestação

histórica com base numa predisposição orgânica. Mas, o que sobretudo parece marcante na obra de Nina Rodrigues é o conceito de degenerescência que norteia seus trabalhos, principalmente suas apertações quanto à mestiçagem. Daí, facilmente se compreende como veio a calhar uma suposta degenerescência hereditária na família Maciel, suporte inicial em que se baseia Nina para estruturar o seu diagnóstico psiquiátrico do Conselheiro. Compreendemos naturalmente que Nina, repetimos, sofreu a influência científica do seu tempo, observação que invalidaria de saída as críticas que porventura se venha fazer a sua obra referente ao Conselheiro. Não nos move o interesse de criticá-lo, como diagnosticador falho. Move-nos apenas o interesse de uma reformulação quanto a um diagnóstico que pintou uma figura do Conselheiro que a nós, nos parece injusta. Repetimos talvez por implicação de uma aculturação científica, também Nina se viu envolvido pelas teorias do primado da hereditariedade, em que pese, por vezes, não ter menosprezado o papel do meio ambiente, modelando, por assim dizer, v.g. o quadro exterior da epidemia de astasia-abasia que estudou na Bahia e chegando a ser, por vezes, conforme bem assinala Arthur Ramos, (11) até o mesmo antilombrosiano.

(11)-- No prefácio de As Coletividades Anormais--pg.6

Mas, analisemos as aporlações de Nina Rodrigues referentes à personalidade de Antonio Conselheiro. Perguntamos de início: teriam sido as fases singulares da existência do Santo de Belo Monte, denunciadores de uma psicose progressiva como a creditava Nina Rodrigues? Esclareçamos de saída que o próprio Euclides que tanto deveu a Nina quanto ao diagnóstico psiquiátrico do Conselheiro, não parece seguro: "As phases singulares de sua existência não são, talvez, períodos sucessivos de uma moléstia grave". Perguntemos ainda: teria sido o Conselheiro uma personalidade delirante que findaria seus dias como um megalomaniaco? Para responder, vale esclarecer que a história de vida do Conselheiro que Nina levantou, parece ter sido apoiada, substancialmente, em artigos escritos sobre o Conselheiro, sua família e terra natal por João Brígido dos Santos.(12) A outra conclusão não podemos chegar quando cotejamos trechos dos dois autores sobre o mesmo assunto. "No que concerne aos antecedentes hereditários de A. Maciel, sabe-se que descendia de uma família cearense valente e belicosa que, durante muito tempo, se empenhara numa dessas lutas de extermínio, muito frequentes na história dos nossos sertões, entre

(12)- BRIGIDO, João-Cearé-(Homens e Fatos)- Tip. Desnard Frères-Rio de Janeiro-1919.

famílias, poderosas e rivaes. No decorrer dessas lutas, deram seus aacendentes provas de uma grande bravura e muitas vâzes de requintada crueldade".(13) Os trechos que se seguem são de João Brígido dos Santos em artigos publicados na imprensa do Ceará, posteriormente reunidos em livros (14) do qual extraíamos as citações seguintes: "Quixeramobim, foi teatro também de episódios terríveis na luta de famílias, conhecidas por Araújo e Macieis". Parte XII- Lutas de Famílias-pg.264" Os Macieis que formavam... uma família numerosa, de homens válidos, ágeis, inteligentes e bravos". "Foi uma das luctae mais sangrentas, a que se feriu entre dois grupos de homens desiguais pela fortuna, pela posição social e esforço...". O cronista cearense descreve detalhadamente as origens do conflito entre os Macieis e Araújo, onde, esclareça-se, ficam bem claros os episódios que evidenciam o caráter de auto-defesa da luta dos Macieis, sobretudo nos "últimos episódios d'esta lucta sangrenta entre pobres valentes e ricos assistidos de autoridade". (15)

(13)- RODRIGUES, Nina-op.cit. pg. 133"A loucura das multidões"

(14)- op.cit., pg. 151 -Parte VIII- Chronica de Quixeramobim.

(15) - Ibidem pg. 271, 255

É ainda João Brígido, também êle entusiasmado com a tese lombrosiana, que nas suas crônicas vai lançar as bases da lendária degenerescência familiar do Conselheiro quando, apesar de declarar "d'esta raça alguns indivíduos conhecemos em Quixeramobim, vigorosos, simpáticos, bem apessoados, e como laivos de indígenes, bons e verdadeiros(16) diz ter conhecido na infância a Antonio Maciel o Conselheiro, na época em que escrevia " maior de 60 anos, de família que sofria de affecção mental própria para produzir os fenômenos que se observam nelle". (17) e traça rápida história dos ascendentes direto de Antonio Maciel dizendo: - "seu pai... era um bonito homem, cutes ligeiramente morena vigoroso e inteligente, mas retraído, taciturno, mau e perigosamente desconfiado, bem como muito cortez, obsequioso e honrado. Tinha momentos terríveis de cólera, principalmente se tocava em álcool. Era duma valentia indômita e meio surdo". As contradições do depoimento textual acima saltam a vista e são reforçadas pelas declarações que faz o autor às páginas 272, de

(16)- Ibidem pg. 271 e 55

(17)- op. cit. pg. 242

mesmo trabalho ainda scôrca do pai do Conselheiro "Sobressaia (entre os da família Maciel) Vicente Mendes Maciel, de índole irascível, mais de excelente caráter, meio visionário e desconfiado, mas de tal capacidade e, que, sendo analfabeto, negociava largamente em fazenda..."Fora de dúvida que o depoimento do cronista cearense não prima pela coerência. É pouco científico em sua adjetivação contraditória, incoerente nas expressões com que pretendeu resumir os traços psicológicos da família e, sobretudo, do pai do nosso Conselheiro. Vale, a maneira de exemplo do que afirmamos, citar alguns trechos escritos por João Brígido sôbre Antonio Maciel, o futuro Conselheiro. Referindo-se ao futuro Santo do Belo Monte, às páginas 272 do seu referido trabalho escreveu: "Um filho do precedente, Antonio Vicente (ou Antonio Mendes Maciel) trouxe, há poucos, anos, a população rústica dos autos sertões da Bahia, em grande amotinação fazendo-se, com grande ousadias, após tolo de uma seita religiosa ao seu modo absurda e perigosa, que incomodou muito as autoridades " para logo mais a página 274 -dizer: " Muitos anos depois escrevemos ainda sôbre a família Maciel, ocupando -nos principalmente do chefe da heróica resistência de Canudos". Finalmente, no mesmo artigo, conclui, após esclarecer que o pai do Conselheiro após " abandonar o uso da bebida, relacionando-se com a sua mulher (a quem dera algumas facadas numa de suas

crises de furor etílico e que estivera às portas da morte) comerciou e chegou a fazer uma fortuna so frível, edificando algumas boas casas na praça, que chamam em Quixeramobim - Cotovêlo", " nos últimos tempos desmandou-se e parece ter morrido arruinado", e logo vem o diagnóstico conclusivos: " era vitima de uma mania intermitente. Voltava sempre. " O filho (Antonio Conselheiro) é uma completa emanação do pai, está nas mesmas condições patológicas e poderá ser estudado como espécimen entre doentes mentais. Dava bem para uma bonita página de Lombroso". O mesmo autor ainda sobre o Conselheiro, às páginas 275 do referido livro, transcrevendo um seu artigo publicado no jornal República em 28-06-1893 diz : "faz o papel de fakir, arrastando após de si a população ruda, a quem doutrina um Christianismo abstruso e à feição do vulgo, quase fetichista, dos nossos sertões, e qual tem de Deus o sentimento mais torpe" e mais" na sua fé de estar no desempenho de uma missão divina, é um fanático com quem a autoridade se deve haver com extrema prudência, nas suas alucinações. São boas as suas intenções, vãs e semente as noções que tem das verdades eternas. É um doente, como todo o mundo, salvo o seu exagero, traz afetada uma bexiga das mais delicadas, cujo funcionamento regular mais importa na vida" e conclui a um tempo simplório e ingênuo " todo espírito caxinga ou tem as suas manqueiras; os mais felizes são os que

tropeçam para o lado, onde há menos espinhos". Em suma, tal parece ter sido a fonte de informação que ajudou Nina a diagnosticar Antonio Vicente Mendes Maciel como pessoa "degenerada" portador do "delírio crônico de Magnan" ou de "psicose sistemática progressiva" o que vale dizer de paranóia sistemática. Aliás, parece-nos interessante observar a marcante influência que tais artigos parece ter exercido como fonte de informação, nas biografias posteriores do Conselheiro. Consulta básica que se tornou, sua influência pode ser facilmente percebida nas obras de Nina, Euclides, Macêdo Soares, Manoel Benício, entre outros.

Mas voltemos a Nina Rodrigues, e ao seu trabalho "a loucura epidêmica de Canudos - Antonio Conselheiro e os jagunços". Observemos com cuidado o que ele escreve. Não tanto o que nos parece incoerências, mas e sobretudo, atentando para os detalhes em que está evidente a sua intenção de "pintar" um Conselheiro que se ajuste ao seu preconcebido modelo de delirante. Senão vejamos: Descrevendo o local onde estava o Conselheiro diz da "Igreja...com proporções tais, que se havia transformado numa fortaleza inexpugnável" para logo afirmar que "a conduta de A. Conselheiro, mantendo-se até à morte no seu posto quando lhe teria sido facilissimo retirar-se de Canudos para ponto mais estratégico é a confirmação final de sua loucura na execução integral do papel do

Bom Jesus Conselheiro que lhe havia imposto a transformação de personalidade do seu delírio crônico". Infelizmente parece que Nina não procurou se inteirar do que se passou em Canudos após o cerco de ferro, fogo e fome a que foi submetido, quando antes ficara patente sua posição estratégica e sua efetiva qualidade como cidade fortaleza até então inexpugnável. Se o mestre maranhense acompanhou a crônica da época, se chegou a ler artigos como os que escreveu Fávila Nunes usou, diríamos, de tal afirmação com a finalidade apenas de robustecer a crença na figura de um delirante que lhe convinha criar para justificar sua tese vesânica, para forçar uma caracterização psicológica naquele que lhe parecia ser o louco de Canudos - "Bem conhecida em seus menores detalhes está a vesania que o aflinge, sempre perfeitamente diagnosticável, ainda mesmo com os dados truncados e deficientes como são os que possuímos sobre a história pessoal deste alienado". Aqui se evidencia a ânsia de um diagnóstico, mesmo baseado em dados truncados e deficientes. Era mister defender uma tese, logo, "Antonio Conselheiro é seguramente um simples louco" e porque atos de sua vida podem levar a duvidar-se de pecha taxativa, a classificação de psicose progressiva vem a calhar: "no caso de Antonio Maciel, o diagnóstico de delírio, crônico (Maignan) de psicose sistemática progressiva (Garnier), de paranóia primária dos italianos, etc. em rigor mais não requer

para se afirmar de que a longa sistematização de quase trinta anos, e a transformação contemporânea do simples enviado divino no próprio filho de Deus". A verdade histórica, através de depoimentos que não são poucos, parece contradizer este papel de "próprio filho de Deus" que na época da tragédia de Canudos, quiseram imputar a Antonio Maciel. Nenhum depoimento do nosso conhecimento atesta ter o Conselheiro, em qualquer época, evocado a si o papel de "simples enviado divino" e muito menos do "próprio filho de Deus". Deixemos isto claro: nunca sequer o Conselheiro investiu-se de funções sacerdotais, nunca ministrou sacramento ou se disse fazedor de milhares; apenas, em condições especiais, administrou batismo, quando Canudos não mais era assistida por ministros da igreja. Enquanto os padres lá foram, nunca se imiscuiu em seus afazeres, sempre os prestigiou e respeitou, inclusive os episódios que envolveu Frei João Evangelista do Monte Marciano cujo insuspeito depoimento conta-nos que em 1895, visitou o Conselheiro em seu reduto, chegando a pregar aos jagunços uma "Santa Missão" com a assistência do próprio Conselheiro. Mesmo neste contacto que terminou em advertências e provocações por parte dos missionários ao místico de Canudos, não encontramos relato de atitudes do Conselheiro possíveis de serem entendidos como sequer indícios de megalomania, quer em gestos, palavras ou

atitudes, natural de aparecer e ser notada se a decapitada megalomania atribuída a Antonio Conselheiro de fato existisse. Mesmo sob a advertência dos frades, nenhum ato sintomático foi evidenciado que denunciava se distúrbio megalomaniaco. E algum sintoma, se o distúrbio existisse, fatalmente apareceria no decorrer daqueles incidentes. Não há registro no próprio depoimento dos frades (18) de nenhum detalhe que evidencie característica de delírio de grandeza. Muito pelo contrário, o que lá se passou contradiz o que é comum no contacto com megalomaniacos quando contestados e irritados (19). Além d'êste outros depoimentos atestam ser falsa a imputação megalomaniaca em

(18)- MONTE MARCIANO, João Evangelista do- Relatório apresentado ao Arcebispo da Bahia sobre Antonio Conselheiro-Bahia, Tip. do "Correio de Notícias" 1895

Veja-se também in " Anais do 1º Congresso da História da Bahia" Biblioteca do Inst. de Geografia e História da Bahia.

(19)- EUCLIDES em Os Sertões às pgs. 211 e 213 relata do o episódio, resalta , o auto-contrôle, a calma manifestado pelo Conselheiro ante as provocações dos missionários

"Era a disordem iminente. Susteve-a, porém, a placidez admirável, a mansidão-porque não dizer cristã? de Antonio Conselheiro.

Que o próprio missionário fale:

Este os fez calar e voltando-se para mim disse:..

"Desta vez ainda o tumulto, prestes a explodir, retraiu-se a um gesto lento do Conselheiro que, voltando-se para o missionário, disse:-Eu não desarmo a minha gente mas também não estorvo a Santa Missão".

qualquer fase da vida do Conselheiro. Não há registro de atitudes que evidenciam no decorrer de sua a^o tribulada vida um aumento excessivo de interesse por sua própria personalidade, com delírio de grandeza, daquele tipo que marca e caracteriza como megalomaníacos, por exemplo, os ditadores como personalidades típicas. Não, nenhum ato demonstrando ter estado o Conselheiro sofrendo de uma megalomania foi registrado e, como tal, supondo-se filho de Deus ou seu enviado como Nina declarou. O que há é precisamente o contrário como veremos por vários depoimentos que atestam que o Conselheiro nunca se disse Deus, seu filho ou enviado. Ao dar-se crédito ao depoimento do Desembargador Souvo Martins que pessoalmente esteve com Antonio Mendes Maciel vemos, que éste não queria sequer o título de Conselheiro que lhe davam. Também o tipógrafo Eugênio Siqueira que esteve no Arraial do Belo Monte atesta que embora instado pelos crentes a chamá-lo de "meu pai" recebeu do Conselheiro o tratamento de "meu irmão" tratamento igualitário com que sempre se dirigia aos que o procuravam. Rui Facó um dos biógrafos do Conselheiro, afirma: "não há um só testemunho de que o Conselheiro se arvorasse em fazedor de milagres. Viviu uma vida de asceta, é verdade, alimentando-se parcamente, de produtos que lhe ofereciam, recusando qualquer excessão". Nunca pretendeu sair pelo sertão à imagem de um Cristo a fazer milagres. O que nos conta Waldemar Valente (20) é que

(20)- Artigo no Jornal de Notícias- Bahia, 30-8-97.

o próprio Conselheiro assim definiu sua missão pelas securas do Nordeste": - Minha ocupação é apanhar pedras pelas estradas para edificar igrejas. "E tal desiderato ãle o cumpriu fielmente, enquanto não o obrigaram a proteger-se e aos seus no refúgio do Belo Monte. Mesmo aí, vivendo um clima em si plenamente propício ao misticismo, nunca se transmutou em Cristo, Seu Filho ou enviado da Divindade. Muito pelo contrário, até o momento do seu sacrifício em Canudos, permaneceu consciente de sua figura humana, de seu papel terreno, de pecador angustiado e sofrido cujo misticismo estava, inclusive, coerente com as doutrinas da Igreja conforme assegura Theophildo de Andrade na primeira reportagem que se publicou(21) sobre uma espécie de breviário, misto de livro de orações, pensamentos e

(21)- Revista "O Cruzeiro" ano 1947- Veja-se ainda O Cruzeiro edição de 5-12-63, onde sobre o dito breviário há um depoimento de Aristeu Seixas, poeta, membro da Academia Paulista de Letras que "leu o livro do principio ao fim, achando Conselheiro fabulosa". "Sobretudo impressionou o poeta, o misticismo de Antonio Mendes Maciel, coerente com as doutrinas da Igreja" Também sobre o mesmo assunto em "O Tempo" - São Paulo edição de 18-10-53- Paulo Dantas escreve: "Seu diário... é assim como uma suma teológica sertaneja, poderosamente cheia de fé, piedade, confiança e resignação". "Nêle (seu diário) as rajadas de um constante sopro bíblico arrepiam a nossa sensibilidade. Escrevendo-o Antonio Conselheiro revelou-se um grande inspirado, espécie de um Monte Alverne caboclo".

prédicas, de autoria do Conselheiro, embora não escrito por êle, sabe-se, livro companheiro de cabeceira até os últimos momentos de sua vida. Nêle, datado de 12 de janeiro de 1897, nas duas páginas finais, está este "adeus", verdadeira sùmula teológica sertaneja, extrato daquilo que um místico bem intencionado elegeu como plano de vida. "Praza aos Céos que abundante fructos produzam os conselhos que tendes ouvidos; que ventura para vós se assim o praticardes; podem enfrentanto estar certos que a par do Nosso Senhor Jesus Cristo, nossa luz e fôrça, permanecerá em nosso espirito: Elle defenderá das misérias dêste mundo; um dia alcançareis o prêmio que o Senhor tem preparado (se converterdes sinceramente para Elle) que a glória eterna. Como não ficarei plenamente satisfeito sabendo da vossa conversão por mim tão ardentemente desejada. Outra coisa porém não é de esperar de vós a vista do fervor e animação com que tendes concorrido para ouvirdes a palavra do Deus que é uma prova que atesta o vosso zelo religioso. Antes de fazer-nos a minha despedida, peço-vos perdão se nos conselhos vos tenho ofendido. Com quanto em algumas occasiões proferisse palavras excessivamente rígidas combatendo a maldita república, reprehendendo os vícios e mover o coração ao Santo temor e amor de Deus, todavia não concebô que eu nutrisse o mínimo desejo de macular a vossa reputação. Sim, o desejo que tenho

de vossa salvação (que falla mais alto do que tudo quando eu pudesse aqui reduzir) me forçou a proceder daquella maneira. Se poderam se achão recentidos de mim, peço-vos que me perdoem pelo o amor de Deus. É chegado o momento para me despedir de vós; que pena, que sentimento tão vivo occasiona esta despedida em minha alma, à vista do modo benévolo, generoso e raridoso com que me tendes tratado, panhorando-me assim bastantimente! São estes os testemunhos que me fazem comprehender quanto domina em vosso coração tão bello sentimento!

Adeus povo, adeus aves, adeus árvores, adeus campos, aceitais a minha despedida que bem demonstra as gratas recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança deste Perorrino que aspira ansiosamente a vossa salvação e o bem da Igreja que praza aos Céos que tão ardente desejo seja correspondido com aquella conversão sincera que tanto deve captivar o vosso affecto".

Não nos parece palavras e idéias de um megalomaniaco ou de alguém que se acreditasse " o próprio filho de Deus" em consequência dos efeitos de uma transformação fruto de " um delírio crônico- (Magnan), de psicose sistemática progressiva (Garnier), de paranoia primária dos italianos", como diagnosticou Nina Rodrigues. E se isso não bastasse

remontaríamos ao depoimento que, em 1953, o reporter Luciano Carneiro recolheu e publicou(22) de dois sobreviventes de Canudos, Manoel Ciríaco e Pedrão, ex-jagunças que por longo tempo conviveram com o Conselheiro. Em resumo, foi o seguinte o depoimento d'êles com referência a Antonio Vicente Mendes Maciel": Antonio Conselheiro não era contra a igreja católica. Acatava os padres, respeitava os sacramentos, jamais oficiou uma cerimônia qualquer que fôsse privativa de um clérigo. Não se considerava um enviado dos céos. A quem se ajoelhava para tomar a bênção dizia:- "Levante-se, que Deus é outra pessoa." só pregava o bem, só fazia o bem. Construiu as melhores igrejas da região, combateu o roubo, a mentira, o homicídio, impediu que vivessem juntos os casais não casados na igreja. Mandava chamar um padre para batizar, casar, confessar a gente do arraial. Mentira que êle fôsse tolerante com o amor livre. Jamais empunhou um fuzil ou um revólver, acesa que a luta estivesse. Sua arma era o rosário. Sim, era contra a república, talvez porque o novo regime separou a igreja do Estado. Nunca pensou em rendição, pois não reconhecia o governo que mandara atacar Canudos. Enquanto fôsse vivo, mandou anunciar, o dinheiro da república não corria no arraial. Não correu. Das prêsas de guerra só permitiu que se utilizassem as armas. Dinheiro, mantimentos, demais pertencentes, tudo era jogado no mato. Conselheiro, não queria sua gente com as coisas dos "incrêus".

As

{22)- Revista O Cruzeiro- edição de 5-12-1953.

vêzes o povo tinha de matar a fome com (cabeça-de-frade), embora o inimigo houvesse abandonado na estrada de uma quantidade enorme de charque. Não importava. Antes a fome que botar na bôca comida da República. Conselheiro não parecia odiar ninguém. Cinco soldados que caíram prisioneiros no combate de Uauá foram devolvidos as suas linhas. Conselheiro era um bom".

Em que pesem a idade e a ingenuidade destes caboclos na época em que foram ouvidos, parecem-nos autênticos e válidos os seus depoimentos. Também significativos são as narrativas de outros contemporâneos de Canudos, tais como Ana Belo dos Santos, João Mocambira, Martinho José de Santana entre outros publicadas no Estado de São Paulo, edição de 9-6-1955(23) onde se lê: "O Conselheiro não casava, só batizava". Interpretando as narrativas destes sertanejos remanescentes da guerra de Canudos, diz o articulista: "chegamos à conclusão de que Antonio Conselheiro era considerado como um homem verdadeiramente bom e correto, sendo mesmo bastante provável que não fôsse o receio político da recém criada república, talvez fôsse outro o fim do Conselheiro" e de sua Mea ,

(23)- Revelações sobre Antonio Conselheiro- Rúbens Rodrigues dos Santos, em jornal Estado de São Paulo edição - 9-6-1955.

completamos, nascida como Juazeiro de Padra Cícero , sob a mesma inspiração, mas a quem o Destino reservou fim diverso e trágico, sempre em nome de progresso e da civilização: ontem, a ferro e fogo varrida do mapa, hoje, para tranquilidade da consciência dos pósteros, submersa em águas profundas. Odorico Tavares (24), entrevistando os sobreviventes do holocausto sertanejo, recolheu uma síntese bastante significativa: "O Bom Jesus foi um Santo homem que sómente aconselhava para o bem" !

Finalmente um depoimento bastante curioso encontramos em um número do Diário de Notícias publicado em 21-9-1897, onde um empreiteiro na construção do ramal da estrada de ferro Alagoinhas-Timbó, diz ter-se avistado com o Conselheiro duas ou três vezes na povoação do Saco entre Timbó e a Vila do Conde por volta de 1885/1886, quando textualmente teria comentado o errante erenita: "-Veja como êste povo na sua quase totalidade escravo, vive pobre e miserável. Veja como êle vem de quatro e mais léguas para ouvir a palavra de Deus ! Sem alimentar-se, sem saber como se

(24)- TAVARES- Odorico- Bahia-imagens da terra e do Povo. José Olímpio Ed. Rio-1951- pg.68

alimentará amanhã, êle nunca deixa de atrair presuroso às práticas religiosas que eu, indigno servo de Deus e por êle amaldiçoado, iniciei neste lugar para a redenção dos meus enormes pecados" (o grifo é nosso). E temos ainda o depoimento de Eugênio de Siqueira, tipógrafo sergipano que visitou o Santo no arraial de Belo Monte, relatando a Inácio Rapôso o episódio em que o Conselheiro não lhe permite ajoelhar-se para tomar-lhe a bênção.

Não, à luz dos depoimentos dos fatos históricos a " paranóia" de Antonio Conselheiro se existiu, não conheceu esta faceta de auto-conceber-se filho de Deus ou de enviado divino. Quando muito, pôde-se dizer que sua bondade, mansidão e vida estóica grangearam-lhe fama de santidade que êle próprio não admitia, nem nunca procurou colorir de divindade, como vimos nas linhas anteriores. Se ao ilustre mestre Nina Rodrigues pareceu ao contrário, deve ter sido a influência dos noticiários sensacionalista da época, sobretudo da imprensa baiana na qual deparamos não raras vêzes com a criação de uma pretensa santidade alardeada por Antonio Mendes Maciel, apesar de que, inclusive não esqueçamos, nem o título de Conselheiro queria aceitar, conforme esclareceram alguns depoentes (25). Há um depoimento de José Marçal, citado por Nertan Macêdo (26), que informa da chegada do Conselheiro, na então vila de Simão Dias, com cêrca de 40romeiros, alguns armados, pedindo-lhe licença para pregar ao Pe.

(25)- Veja-se por ex. José Calazans-Antonio Conselheiro e a Escravidão.

(26)- Memorial de Vila Nova-Ed. Cruzeiro-Rio-1964-pg. 31.

José Joaquim Ludovice, no que não é atendido, resultando apenas de negativa, o Conselheiro retirou-se para a periferia da vila, nas proximidades de uma capelinha onde pernoita pedindo no dia imediato, novamente licença e autorização ao referido padre para falar, já agora, na pequena capela próxima da qual acam para. A respeito do vigário é uma segunda e peremptória interdição, o que determina obediência retirada do Conselheiro. Ainda em Nertan Macêdo está o depoimento de Honório Francisco de Assunção, o Honório Vilanova de Os Sertões; "- O Peregrino jamais obrigou alguém a frequentar devoções; era um bom e inofensivo beato, que vivia para apontar os caminhos da salvação eterna. "Era manso de palavra e bom de coração. Não era doido e ninguém sabe de fato que lhe desabonasse a conduta".

Colocados tais esclarecimentos voltemos a Nina Rodrigues e à sua interpretação psicológica: "Antonio Conselheiro é seguramente um simples louco", sua loucura, uma forma de psicose progressiva. Textualmente: "No caso de Antonio Maciel o diagnóstico de delírio crônico (Maignan) de psicose sistemática progressiva (Garnier) de parancia primária dos italianos etc., em rigor mais não requer para se afirmar do que a longa sistematização de quase trinta anos e a transformação contemporânea de simples enviado divino no próprio filho de Deus. "quanto à transformação

que Nina imaginou existir parece claro, pelas argu-
men-
tações anteriores, difícil de sustentar. Entendamos,
entretanto, o diagnóstico, como se costuma dizer ao
pé da letra. Em termos inteligíveis para nós, leigos,
o que traduz as expressões delírio crônico (Magnan)
psicose sistematizada progressiva (Garnier), paranóia
primária dos italianos? Tomando com referência o Ma-
nuel de Psychiatrie de J. Rogues de Fursac, que por
sinal publicou em 1907 um trabalho "Um Mouvemente myg-
tique contemporain. Le Réveil religieux du Pays de
Galles" para não fugir à moda da época, manual obriga-
tório nos cursos médios da Bahia nas décadas de 1890/
1910, onde a pág. 505-Cap. XV-Psychose Systematisée -
está explicada a etiologia deste tipo de doença men-
tal "La psychose interprétative survient chez des hé-
reditaires, originellement anormaux, présentant la
constitution spéciale que l'on désigne sous le nom de
constitution paranoïaque et dont les caractéristiques
sont: hyperégoïsme, orgueil, susceptibilité, méfiance
et perversion des facultés logiques". Perguntamos:
aplica-se-lhe, pelo que sabemos da vida do Conselheiro,
tais características? A classificação da "doença" do
místico de Belô Monte proposta por Nina inclui-se no
grupo das esquizofrenias de síndromes polimórficas, de
sintomas desconcertantes mas que se caracterizam,
sobretudo, por uma dissociação da personalidade. Uma
aspecto dessa dissociação ocorre entre os afetos e os
conteúdos conceptuais de tal modo que a conduta resul-
ta imprópria. Outro aspecto é a dissociação intercon-
ceptual que consiste em os pensamentos se fragmen-

tarem e perderem suas relações lógicas. Na forma paranóide, sabe-se que os distúrbios são predominantemente intelectuais e de aparecimento tardio, só se manifestando em regra ao atingir-se a idade adulta. O processo tem evolução insidiosa e se desenvolve quase sempre num predisposto constitucional. É uma forma essencialmente delirante, sendo o delírio de base alucinatório, desconexo, não sistematizado, poliformo e de vários tipos : de perseguição, de grandeza, hipochondríacas, eróticos, místicos, de influência etc. Não obstante a multiplicidade de idéias delirantes, a evolução da doença tem, na maioria das vezes, decurso lento, sem que se observe, salvo no período final, grande decadência do nível intelectual do doente. Há nesta forma um período prodrômico, que se traduz por mutação do caráter, insônia e idéias delirantes, lábeis, absurdas, de caráter persecutório, hipochondríacos ou eróticos. As desordens perceptíveis se caracterizam por alucinações visuais, auditivas, tácteis, genitais e ceestésicas. Com frequência, as idéias persecutórias se misturam com idéias megalomaniacas, que consiste em atribuir-se méritos e qualidades inexistentes e absurdas. Revelam os portadores do quadro patológico da paranóia marcado egocentrismo, são alta-neiros e ególatras, muitas vezes com tendências ao misticismo, revelando idéias messiânicas. Fora de dúvida que o Conselheiro, à luz dos fatos conhecidos, não deve enquadrar-se nesta classificação patológica. Porém Nina Rodrigues não pensava assim. Por compromisso inconsciente com a sua ideologia profissional, ou

quem sabe por basear seu diagnóstico em dados incompletos, qualificou Antonio Vicente Mendes Maciel como portador de uma psicose sistematizada progressiva, como um paranóico, que sofrendo total transformação da personalidade, em delírio crônico, transmutou-se em Bom Jesus Conselheiro cujo papel executou integralmente. E "explica" seu diagnóstico com uma bem urdida trama de fatos que lhe parecem conclusivos e lógicos. E aqui cabe uma ressalva interessante, que parece indicar que Nina Rodrigues agiu de boa fé quando elaborou a -quêle diagnóstico do Conselheiro. Posteriormente, estudando o crânio do Conselheiro que lhe chegara às mãos, parece abdicar da evidência degenerativa, de bases hereditárias, chogando à conclusão de que o Conselheiro era normal. Dos exames antropométricos que efetuou no crânio famoso resulta abdicar de parte de suas concepções referentes à natureza física da doença mental, da degenerescência, enfim, que acreditava vitimar o Conselheiro. Mas mesmo após os exames que efetuou, continua apegando às teorias sobre o atavismo no crime e na loucura. Continua insistindo em diagnosticar o Conselheiro como degenerado, exemplo concludente do mal inerente às raças mestiças, cuja degenerescência seria de fundo atávico. Ocorre-lhe a fórmula conciliatória de dar Antonio Conselheiro como portador de delírio crônico de Magnan ou de psicose sistematizada progressiva, o que vale dizer de paranóia sistematizada, nomes diversos para qualificar um quadro patológico de vestígimas amplitudes. Arthur Ramos prefaciando o livro de coletânea onde se encontram os estudos objetos dessa nossa tentativa de interpretação, parece sentir a de-

bilidade da argumentação justificatória em que se a -
póia Nina Rodrigues para elaborar a aludido diagnósti-
co, tanto que, talvez buscando ser menos rígido ou, di-
ríamos, menos drástico, diagnosticando diz: "Hoje dó-
lo-íamos (referindo-se ao Conselheiro) de preferência,
como dóbil mental poranóide, havendo urdido o seu de-
lirio com a "fórmula social" do meio inculto onde vi-
via. É o mesmo caco, ainda hoje, dos boatos e fanáti-
cos do nordeste portadores de " delirio arcaico"(Wall),
desenvolvendo um comportamento que é a consequência
do atraso cultural onde vivem. É o que a moderna psi-
quiatria cultural prova, quando estuda as relações en-
tre o " conteúdo mental" do indivíduo psicótico e o
seu grupo de cultura" (27) Ainda aqui, como bom aluno
que foi, a tese vesânica está presente se bem que já
atenuada por aporções que evidenciam em Arthur Ra -
mos, o mestre em Psicologia Social que efetivamente
foi. No mais, acreditamos como o ilustre prefaciador,
que outra seria a posição de Nina Rodrigues, com re-
ferência ao Conselheiro, se tivesse levado adiante o
seu plano de estudo sôbre os bandos criminosos, estudo
que, infelizmente, a morte do fundador da Escola
Médica- Bahiana não nos permitiu conhecer. Talvez ,
-quem sabe?- ao aprofundar seus estudos sôbre outros
grupos sociais análogos ao de Canudos, tivesse Nina
chegado a uma " simpatia esclarecedora" para com o
Conselheiro semelhante àquela que externou pelo notô-
rio criminoso negro Lucas de Feira. Infelizmente tal

(27)-No prefácio de As Coletividades Anormais.pg.15

não aconteceu, e a obra de Nina Rodrigues, sua fama de cientista e pesquisador que efetivamente foi, continuou projetando um retrato psicológico do Bom Jesus Conselheiro que contradiz a história, projeção de implicações mais graves quando consideramos ter tal diagnóstico servido de inspiração ao sem dúvida, maior divulgador de Canudos, que foi Os Sertões do Euclides da Cunha. Assim é que, para demonstrar o que se lhe parecia clara evidência, Nina Rodrigues textualmente informa: "As três fases da história de Antonio Conselheiro coincidem rigorosamente com os três períodos admitidos na marcha da psicose primitiva. "Para o autor de "As Coletividades anormais" a história da vida de Antonio Conselheiro reflete síndromes sintomáticas, clara evidência: "As mudanças repetidas" devem ser necessariamente, " produto das influências alucinatórias, forma de busca da " fórmula de seu delírio" . Parece-nos que Nina Rodrigues não quis olhar desapassionadamente a biografia do Conselheiro. Não quis perceber como fato sociológico a mobilidade espacial, o nomadismo inerente ao contexto cultural do nordestino já no seu tempo evidenciado e discutido, e que modernamente tão bem Lynn Smith (28) definiu como " instinto migratório" talvez fruto de uma tendência ciclotímica que marca o elemento humano de castinga, onde se nota a dominância do índio, o que determinou, conforme alguns (29), a tendência psicológica dos jagunços, mantodermo indídice que dá certa homogeneidade étnica à massa social do nordeste, onde o fraco desenvolvimento

(28)--Brazil: people and Institutions--

(29)-- Vide por ex. Djacir Menezes--Outros Nordeste.

das forças produtivas criou centros de atração demográfica irregulares e intercidentes, que a tradição bélica das lutas coloniais pelas sesmarias, terminaram por dar a história da região uma feição especial, cujas causas primárias inicialmente estão no quadro cósmico mas que se esbatem com o crescimento das condições internas à própria sociedade. Parece que o flagelo climático das secas, imprime uma nota tônica de agressividade ao ritmo da história do nordeste, ontem como hoje. A dinâmica dos fenômenos sociais, no grupo ou no indivíduo, não pode ser plenamente conhecida se se despreza na análise o "clima psicológico" vigente no momento histórico da ocorrência. A trama espiritual que honra o ambiente urdem, determinado hábitos, tradição superstição, costume, constituindo a cultura espiritual, é um aspecto importante a considerar-se quando se quer analisar uma qualquer personalidade. E a migração é uma fórmula da adaptação. Não podendo modificar o meio, escapando-lhe os meios defensivos que lhe permita vencer as adversidades do ambiente onde luta, o homem, validamente, procura outra solução sob forma de outro espaço físico. É natural e inscrito sob a forma de instinto de conservação -fuga, na natureza biológica da matéria viva.

E se isso não bastasse analisemos a história da vida de Concelheiro. Seu drama familiar, sua angústia vital, inicia-se, condicionadora, na infância infeliz com a madrastra Francisca, psicótica num

ambiente doméstico conflitivo, transformando em tortura a vida infantil do pequeno Antonio, órfão de mãe aos seis anos, sempre encorajado pela madrastra que "briga com seu pai Francisco e vingá-se no entendo, a quem espanca brutalmente" (30). Sob a influência de um pai instável emocional que o quer destinar ao sacerdócio, cursa as aulas de Latim, Francês, Português, do Professor Manuel Antonio Ferreira Nobre, conforme depoimento do Doutor José Victor Ferreira Nobre (31), tudo isso ocorrendo num ambiente socio-familiar conflitivo quer pelas lutas de família, quer pelo clima psicológico regional e mesmo pela natureza mística do ambiente sertanejo " Quixeramobim, terra faminta, foco de intrigas e de empáfias sertanejas, com vèzes atrazada que o Icó" "uma sociedade bárbara, a daquêle tempo, no Quixeramobim, em todo o sertão." "Nesta terra má..." cresceu o Conselheiro, conta João Brígido dos Santos (32) onde "o povo miúdo ohlava na palmaria, mas era atrosamente vingativo". Vivia-se um ambiente impregnado de misticismo, magia e religiosidade.

(30)-BRIGIDO, João- op.cit. pg.136

(31)-Conforme Gustavo Barroso "Uma calunia contra Antonio Conselheiro in A margem da História do Ceará.

(32)- Op.cit.- O Ceará- Lado oômico-"Algumas crônicas e episódios".

"Sinônimo de medicina eram também o feitiço, a reza, a astrologia, a charlatanice", enfim, era a vida impregnada de misterioso e sagrado, "era o Lunário Perpétuo, comandando a vida e a saúde dos homens sobre a influência" dos astros" "Tempo das Missões. Tempo das Ladainhas. Tempo dos Lúgubres funerais noturnos. Tempo das sinistres encomendações de almas, lamentosas, noite adentro". (33) O Conselheiro foi criado nessa atmosfera de conflitos e contradições ambientais que se vão refletir em seu plano de vida, confuso às vezes, quase contraditório em sua formulação, mas nem por isso enormal ou patológico se considerarmos certas circunstâncias e detalhes que deram a sua vida secular um colorido já em si surpreendente. Uma cidade pobre, faminta e atrasada, certamente não era ambiente econômico propício para soerguer um negócio que já recebera falido do seu pai o qual segundo conta "era vítima de uma demência intermitente". Antonio Mendes Maciel, o futuro Conselheiro, fracassa como negociante, numa tentativa de recuperação comercial feita em circunstância adversa. Recebera o negócio do pai, já falido. Após à morte deste em 1855, o depoimento

(33)- NERTAN, Macedo-Memorial de Vilanova- Ed. Cruzeiro
Rio-1964-pg.98.

insuspeito é de Euclides: "Antonio Maciel prosseguiu na mesma vida corretíssima e calma. Arrostando com a tarefa de zelar por três irmãs solteiras revelou abnegação rara. Somente depois de as ter casado procurou, por sua vez, um enlace que lhe foi nefasto". Casa-se com Brasilina Laurentina de Lima, sua prima, em 7.01.1857. Tenta empréstimo, vende alguns bens imobiliários na tentativa de salvar o negócio e a honra do nome paterno. Deixa no livro nº 35 do Cartório do 1º Ofício, Tabelião Miguel Fenelon Câmara, em uma escritura, sua assinatura, que na opinião de Gustavo Barroso não atesta sintoma de desequilíbrio" a letra é normal, serena, límpida, e de pessoa letrada" (34) o que corrobora José Aurélio Câmara afirmando: " no documento está bem clara a assinatura. A letra é segura e perfeita, admirável mesmo". (35) Mas o destino lhe é adverso. Ao insucesso comercial inevitável que advém, mesmo contando com a "confinança e o crédito que nêle depositavam os negociantes de Aracati, de

(34)- BARROSO-Gustavo- " O místico de Quixeramobim" in A Margem da História do Ceará- Imp. Universidade do Ceará.

(35)- Um documento do Conselheiro-, 'jornal "O Povo"- Fortaleza-Ceará- edição de 19-2-63.

onde eram importantes as mercadorias", somam-se no -
vas angústias familiares. Se sua madrastra morre em
19.03.1853 com trinta e nove anos, esfrendo das facul-
dades mentais, outras mulheres a substituem no mis-
ter de algozes no seu calvário doméstico. A convi-
vência com a sogra intrigante e uma esposa infiel e
ignorante torna-lhe a vida doméstica sobremodo trau-
matizante. O futuro "Santo do Belo Monte" não pode
viver em boa harmonia com Brasilina, analfabeta e
possuidora de qualidades negativas de inteligência e
caráter". (37) A vergonha, o desencanto os insuces-
sões terminam por motivar o plano de abandonar Quixe-
ramobim. Vai tentar a sorte em outras plagas. Quem
vonhece "a alma sertaneja", quem já conviveu com o
nordeste, sabe, perfeitamente o significado da real di-
mensão que o conceito de moral doméstica ali assume.
Uma das coisas que a maledicência sertaneja não per-
doa é certamente o homem traído. Resta-lhe na ocor-
rência da mádoia familiar duas alternativas: lavar
sua honra com sangue ou fugir do ridículo abandonando
o lar. Conselheiro, alma mística, personalidade estru-
turada num clima de sofrimento, "desde criança sério
e bom" opta pela segunda solução. Recorre à alternati

(36)- NERTAN- op.cit.pgs. 106 e 108

(37)- NERTAN- op. cit. pgs. 106 e 108

va de abandonar a cidade. Atitude racional natural e humana, facilmente compreensível se considerarmos a personalidade básica de Antonio Vicente Maciel. Além, este é um detalhe que nos parece significativo. Como traços marcantes de sua personalidade, a bondade, a tendência para fazer o bem, manter a paz, são constantes na vida do Conselheiro. (38) E no decorrer de sua vida este aspecto do seu temperamento jamais deixou de manifestar-se. O que para Nina Rodrigues, caracterizou-se como "mudanças repetidas, produto das influências alucinatórias" se nos afigura contrariamente, como bem normal atitude de quem, vivendo o impacto de situações conflitivas e traumatizantes, emigra buscando solução para o seu drama sob outro

(38)- Veja-se em abono alguns depoimentos que se referem a épocas distintas da vida do Conselheiro, como que atestando uma sua natural tendência para a bondade:

1- Durval Vieira Aguiar, depondo sob o Conselheiro em 1887 diz que o povo o segue por sua mansidão, que ele mantém sobretudo a paz onde está.

2- Em Nertan Macedo op.cit. pg. 138, o Vila Nova reproduz o seguinte episódio, em plena luta.

"Disse o Conselheiro.

- Empurrem aqueles malvados

- Não temos quase munição, respondemos

- Pois atravessem o rio e procurem a munição pelo mato. Não atirem para matar, mas para espantar".

3- Trecho de uma carta datada de 21-4-97 encontrada em Belo Monte após o ataque final, segundo informações do Dr. José Calazans.

"São temos ordem de nos defender até que os inimigos corram".

cenário. Este período da vida de Antonio Vicente, não nos parece "etapa da marcha de uma psicose primitiva". Não nos parece "repetidas e sucessivas mudanças pedindo debalde um refúgio, uma proteção contra a implacável perseguição que lhe movem as próprias alucinações" como queria Nina Rodrigues. Mas, muito pelo contrário reação racional lógica ante, não alucinações, mas a crua realidade da honra pessoal e familiar feridas pelo fracasso profissional e a infidelidade conjugal. A título de curiosidade registre-se o que está escrito na Folhinha Laemmert de 1877(39) onde referindo-se ao Conselheiro, já então motivo de notícias, se escreve: "a chegar a qualquer nova sede de residência procura logo um emprego, um meio qualquer, honesto, de sobreviver". Em 1859 muda-se para Sobral. Logo segue para Campo Grande" onde desempenha as funções modestas de escrivão, de professor vivendo a rezar terços e ladainhas". Resumindo, pode-se dizer que esta fase da vida do Conselheiro, longe de ser uma manifestação paranóica ambulatória, outra coisa não é que episódios rotineiros em uma vida, fatos comuns, quase corriqueiros, encontrados em não poucas histórias de vida que passam despercebidas, se não ocorre a circunstância da notariade tornar evidenciada a vida em questão.

Acompanhamos o Conselheiro ainda Antonio Vicente, após ter liquidado os negócios em Quixerambim em 03-09-1957, talvez, quem sabe, menos por falta de vocação para o comércio e sim em decorrência da conduta irregular da esposa, como insinua Abelardo P. Montenegro. (40) Em 1858 é mestre-escola ensinando Geografia. Em 1859 é caixeiro, ocupação que abandona para tentar uma melhor atividade em Campo Grande 1860/61, como advogado dos pobres militando no fóro de Ipiú. É nesta época que vai ocorrer um acontecimento que irá acelerar a resolução da adoção de um papel místico sempre contido em seu plano de vida. É aí que, finalmente, separa-se de Brasilina que foge com um sargento de polícia para terminar seus dias prostituta, a exemplo da mãe, vivendo da caridade pública em Sobral, onde nascera. Aqui uma ressalva: não foi este fato, a fuga de Brasilina após surpreendida em flagrante adultério, num desleixo, num revés violento que terminaria por lançar Antonio Vicente na loucura. Não foi o último ato de sua vida secular. Antonio Vicente não desaparece aqui. Após Ipiú sabemos que viveu em Santo Amaro novamente dedicando-se ao magistério e em Santa Quitéria onde negociava e recide durante dois anos, inclusive tentando reorganizar sua vida sentimental tendo " uma avenu-

(40)- Antonio Conselheiro- 1954- Fortaleza- Ceará.

ra amorosa com Joana Imaginária, mulher profundamente mística, nascendo um filho que recebeu o nome de Joaquim Aprígio". Em 1869 está estabelecido em Varzea de Pedra como pequeno negociante. Em 1871, move-lhe ação judicial um seu credor, ação que êle não contesta. A partir daí, torna-se mascate e na suas andanças pelo sertão é bem provável que tivesse acompanhado os missionários que evangelizavam e descoberte não " a fórmula do seu delírio" mas a maneira de vida que sempre simpatizara e tivesse resolvido abraçar, inicialmente, a vida de um boato, prólogo da missão de evangelizador, que o futuro papel de Conselheiro lhe reservara, verdadeira vocação que sempre tivera e que sempre perseguira, após frustrada a carreira sacerdotal com que lhe acenara o pai e com a qual quantas vezes não tivera sonhado nos momentos dolorosos da infância infeliz na convivência da madrasta. Francisca, Maria Maciel, considerada "uma mulher geniosa que não lhe poupava maus tratos, irritava-se com o marido e desforrava-se nos enteados. Chamava o pequeno Antonio de mandrião e sem vergonha(41)

Sim, ousamos discordar de Nina Rodrigues e de seu difundidor Euclides da Cunha, que interpretaram os acontecimentos desta fase secular da vida de Antonio Vicente Mendes Maciel como síndromes denunciadores de uma degenerescência mental, como etapas de uma evolução patológica que conduzia a uma

(41)- MONTENEGRO-op.cit. pg.11

regressão ideativa do tipo paranóico. Antonio Vicente não abraçou o papel de beato e conselheiro como fórmula do próprio delírio. Não, observando as atividades que exerceu, vemos-lo sempre coerente com os traços básicos de sua personalidade manifestando bondoso interesse por seus semelhantes, como irmão abnegado, como filho preocupado em salvar o bom nome paterno, como professor, como juiz de paz, como marido, como advogado dos pobres, exercendo officios e misteres como que dentro de um padrão, de uma linha de conduta condizente com o tipo psicológico que na classificação de Jung corresponde ao tipo intuitivo-introvertido ou ao tipo religioso da classificação de Jaensch. Em suma, o que a Nina e Euclides pareceram evidenciar uma etapa no desenvolvimento de um processo patológico mental, se nos afigura como demonstração de uma coerência vivencial que denota normalidade. Aliás para sermos precisos, observamos que o próprio Euclides não está seguro do diagnóstico que decalcou de Nina Rodrigues: "Paranoico indiferente, este dizer, talvez, mesmo não lhe possa ser ajustado inteiro" (42) pois o aceita como representante natural do meio em que nasceu. "O fator sociológico, que cultivara a peicose mística do indivíduo, limitou-a sem a comprimir, numa harmonia salvadora." (43) Mas, embora considerando Conselheiro assim, não o

(42)- Os Sertões pg. 152

(43)- Ibidem pg. 153

deixa de ver como "doente grave, só lhe pode ser a -
plicado o conceito de paranóia, de Tanzi e Riva" (43a)
Abraçando Euclides também a tese vesânica não espa -
pa-lhe a grande descoberta: "Em, seu desvio ideativo
vibrou sempre, a bem dizer exclusiva, a nota étnica.
Foi um documento raro de atavismo" e mesmo admitindo
ter o Conselheiro parado indefinidamente nas fron -
teiras ocilantes da loucura, nesta zona mental onde
se confundem gênios e degenerados não se libertou da
influência do diagnóstico de Nina Rodrigues quando
também vê nas mudanças de Antonio Vicente a partir
de 1858, atos que denotam uma transformação de ca -
ráter. " Perde os hábitos sedentários. Em poucos a -
nos vive em diversas vilas e povoados. Adota diver -
sas profissões". Parecem-nos ouvir Nina, quando le -
mos em Os Sertões as páginas 161 " Nota-se em tudo
isso um crescendo para profissões menos trabalhadas,
exigindo cada vez menos a constância do esforço; o
contínuo despeasse da disciplina primitiva, a tendên -
cia acentuada para a atividade mais irrequieta e
mais estéril o descombar para vadiagem franca." Sem
pretender assinalar contradições na obra maloucuoli -
diana, apenas chamamos a atenção do leitor para ob -
servar quantas linhas dedica Euclides neste mesmo
trecho para acentuar o caráter de disciplina, de
auto-domínio de que a nova vida de Conselheiro impõe
a Antonio Vicente. A vida de missionário impõe sacrá

(43a)-E. Tanzi e G. Riva, La paranoia. Contributo alla
teoria delle degenerazioni psichiche-Riv. Speri-
mentalle di Freniatria. 1884, 85-86.

fícios, força de vontade, disciplina austera e vigorosa, Euclides o acentua, mas nem por isso deixa de ver neste paulatino abandono das coisas terrenas indícios sintomáticos, fase de uma pretensa psicose. E este ver assim é um buscar comprometido de evidências favoráveis a tese que defendia: a loucura de Antonio Maciel, mesmo porque assim também pensa Nina Rodrigues, fonte em que certamente se inspirou: "Para o ano de 1876 já Antonio Maciel leva finalmente descoberta a fórmula do seu delírio. É o batismo de Antonio Conselheiro sob que o ministro ou enviado de Deus inicia a sua carreira de missionário e propagandista da fé, era o átrio apenas de onde a loucura religiosa o havia de elevar ao Bom Jesus Conselheiro da fase megalomaniaca da sua psicose", são palavras textuais de Nina Rodrigues. Refutado como foi o aspecto fantasioso no que se refere a tal fase megalomaniaca descoberta por Nina, restaria arguir que no caso particular de Antonio Maciel, este dedicar-se a uma vida mística, este dedicar-se à carreira de missionário e propaganda da fé, nada mais era que uma consequência inevitável considerando-se seu tipo psicológico e as circunstâncias existenciais que cercaram a estruturação de sua personalidade. Era a solução que lhe apontava um meio místico pleno de exemplo e motivação e que encontrava eco em suas predisposições. Era a oportunidade natural de realizar o que em sua personalidade se tinha cristalizado como

tendências reforçadas por incidentes notáveis que lhe destinava à vida para o sofrimento para o amor ao próximo, para o martírio enfim. Se aos autores ob-
jeço das nossas considerações parecem indícios de a-
lienação, a vida mística que Antonio Vicente resol-
veu finalmente abraçar exteriorizando na túnica com
que se vestiu, no sacrifício e renúncia que adotou
com preceito de vida, certamente esqueceram-se que
tal resolução nada tinha de notável, ocorrendo no
nordeste onde, ainda hoje os boatos, os missionários,
os romeiros, dão atestado de quanto devem ter sido
comuns tais ocorrências naquêlo tempo e naquela socie-
dade, já de si tão predisposta a recorrer ao misti-
cismo e ao sobrenatural como soluções para os seus
inúmeros e ainda hoje dolorosos problemas" no tempo
do Conselheiro o interior do Nordeste era então per-
corrido por missionários itinerantes que iam de lug-
rejo em lugarejo evangelizando, acompanhados por uma
turma de penitentes e romeiros; Antonio Vicente Men-
des Maciel, foi a princípio um romeiro, sendo prová-
vel que então tenha atravessado o Ceará, em direção
à Bahia". (44) No mais, quem, como absoluta seguran-
ça pode duvidar que as desgraças havidas tantas na

(44)-QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de -" O Império
de Belo Monte " in Messianismo no Brasil e no
Mundo - 1965 - pg. 203

existência do Conselheiro, não teriam movido, sinceramente, aquêle homem a uma vida pia, honestamente religiosa, buscando na prática do auxílio ao desvalido uma maneira de realizar-se, de ajustar os motivos que impulsionavam o seu ego, a uma fórmula socialmente válida de pregar e praticar a caridade num ambiente sóbrio e tão carente dela.

A história de Antonio Conselheiro como traumaturgo, é de uma retidão e clareza singulares ; seus biógrafos, os cronistas da época, os que deram depoimento sobre o "Santo" do Belo Monte são acordes em afirmar que ele vivia para pregar , auxiliar os desvalidos fazendo o bem. Não lhe movia outro interesse que o bem de seus irmãos de infortúnio, num meio em si de todo desamparado pelos homens e pela natureza. Inclusive sua luta contra a república, não foi contra a instituição mais contra o que ela representou como agente modificador no quadro sócio-econômico naquelas passagens longínquas, algo cujo aparecimento representava umamudança dos padrões de vida do nordeste quer como produtora de novos impostos quer como incrementadora de uma nova ação política, no recrudescimento das perseguições, no aumento do poder coercitivo, usado discrecionariamente pelas autoridades, pela politicagem dos conpedros e protegidos situação social anônima na qual nunca se quis envolver nem tirar proveito em causa própria. Ao próprio Euclides não passou desapercibido sua coerência de comportamento quando afirmou que ele " tinha atitude, na pa

lavra e no gesto, a tranquilidade, à atitude e a resignação soberana de um apóstolo antigo" não desli-
zou para a demência, como não fizeram grandes Santos da igreja, quando abandonaram posição, riqueza, vida secular de prazeres, para mergulhar na pobreza, na meditação, na disciplina, nas práticas ascéticas, em busca da meta de santidade que almejavam para realizar seus planos de vida, e também não foram loucos. Antes passaram a posterioridade como exemplo de despendimento e piedade cristã. Ali bem perto de onde viu o Conselheiro sua via crucis, outro sertanejo, o Padre Cícero, revoltou-se, celebrizou-se envolveu-se com milagres, sem que lhe empenasse à auréola de santidade e pecha da loucura. Mas em Juazeiro, a política da república não agredia, nem a pressão da Igreja aparecia, antes a ambos convinha amparar o místico do Juazeiro, porém o jogo dos interesses era outro nas margens do Vasa Barris. Não tivesse havido uma série de ocorrências políticas que se passaram léguas e léguas distantes de Canudos (44a) acontecimentos correlatos que deram à luta dos sertões baianos

(44a)- Veja por ex. Castro, Sertório de, A República que a Revolução destruiu- Liv. Freitas Bastos-Rio- 1933, com referência ao ambiente político do Brasil nesta época.

caracter de luta contra a República, certamente o Con-
selheiro não passaria à história, e sobretudo, não
se guardaria d'êlé memória tão injusta, de louco e de
fanático. Certamente não seriam alguns traços e fatos
de sua vida, como que torcidos para evidenciar uma
demência que não houve. A celebridade da "Guerra San-
ta" na qual se envolveu, num tempo de tão singulares
acontecimentos e circunstâncias, motivaram a possibili-
dade de tornar-se exemplo, de evidenciar o modelo
para umas tantas teorias sócio-antropológicas corren-
tes na época em que viveu. A alienação do Conselhei-
ro deveria certamente existir para que o fenômeno do
qual era parte se enquadrasse nas teses de Lombroso
e de Le Bon. As coletividades anormais necessitavam
um menestre alienado para explicar-se à luz de tais
concepções. Ergia pois, encontrar-se sintomas de lou-
cura no líder do reino do Beão Monte o Nina Rodrigues
constroi a partir do fatos reais evidências inexis-
tentes, tirando conclusões falsas: "Discussões con-
tínuas com a mulher e a sogra, mudanças sucessivas
de emprego e de lugar, revolta agremiav: com vias de
fato o ferimento de um parente que o hospeda, não é
preciso mais para reconhecer os primeiros esboços da
organização do delírio crônico sob a forma de delírio
de perseguição". Certamente, e aqui o afirmamos ca-
tegoricamente, houve a intenção deliberada do não re-
conhecer o inevitável drama doméstico que viveu An-
tonio Vicente. Infeliz êle viveu desde Quixeramobim

em convivência com duas mulheres, ambas de mal caráter e que certamente tornavam sua vida um inferno. Tudo sofreu, personalidade superior de um estóico, boa índole, sempre suportara uma vida de amargura, e é para nós o suportar daquelas situações e mulheres de tal índole e caráter, mais uma prova do seu controle emocional. Infelizmente sua complacência tem um final escandaloso quando um "Lovelace de oathorno reino", termina por raptar-lhe a mulher. E o escândalo e a vergonha que o levam a deixar Ipú descendo para o sul do Ceará e entrando em contacto com parente de sua mulher adúltera e fujona, na localidade de Paus Brancos. Desconhecem-se as razões das vias de fato que o levam a ferir quem o hospedara. Recriminações, discussões relacionados com o seu recente drama conjugal? não o sabemos. Apenas ficou registrado que "fazem-se breves inquirições policiais, colhidas logo pela própria vítima reconhecendo a não culpabilidade do agressor." (45) Nina Rodrigues reconhece no incidente os primeiros esboços da organização do delírio crônico sobre a forma de delírio de perseguição.

(45)- PONTES, Carlos - Motivos e aproximações - Ed. "Jornal do Comércio - Rio - 1953 - pg. 71

Há, entretanto, um detalhe na biografia do Conselheiro que gostaríamos de evidenciar e que nos parece contradizer a tese que pretende diagnosticar em Antonio Vicente manifestações de delírio de perseguição. Anos após o acontecimento relatado nas linhas acima achava-se o Conselheiro ainda tentando negociar na localidade de Varzea de Pedra, numa época, portanto, em que se aceita como válido o diagnóstico do Professor Lima, por uma decorrência lógica, mas estaria fixa as manifestações delirantes, e, fatalmente, mais se dariam as oportunidades de se evidenciarem os sintomas denunciadores do delírio de perseguição, em que pese o evoluir vigoroso deste quadro nosológico. Pois bem: ocorreu nesta época mover um credor contra Antonio Vicente uma ação de penhora de bens, ação que, surpreendentemente, clarejamos, ele não contesta. Ele que tinha alguns lustros forenses, pois desempenhara as funções de escrivão do juiz de paz em Campo Grande e em Ipú as atividades de solicitador ou requerente no foro repetamos, não contesta a ação. (46) Não contesta e isto nos causa estranheza, pois é comum e característico na evolução da paranóia a fase querelante, principalmente no delírio sob a forma persecutória. Parece-nos uma anomalia, uma contradição clínica, que Antonio Maciel vivenciando um delírio de perseguição deixasse passar em brancas núvens tal oportunidade de envolver-se numa querela, situação típica,

(46)-Veja-se SOUZA, Ezequiel de-"Antonio Conselheiro em Juízo in Revista Trimestral do Instituto do Ceará

comumente encontrada nos sujeitos enfermos mentais deste quadro clínico. A tendência à suspeita é um traço típico na paranóia. Uma das teorias mais defendidas pela psiquiatria referente as enfermidades mentais interpretativa-delirantes, a paranóia enfim "é a que tenta atribuir as desvios da personalidade e situações infantis particulares, que fixariam as relações afetivas e dentivas em um plano de pre-maturidade, com as consequentes repercussões sobre a formação do eu, que no ulterior desenvolvimento da personalidade frente aos acontecimentos vitais e sociais da vida se evidenciam por distintos complexos reinvindicatórios". "É muito comum que nesta fase da evolução da doença (da paranóia), fase da "intuição delirante" o enfermo reaja através das vias legais, monótono e insistente, em delongas judiciais que se arrastam por anos a fio". (47) Certamente que o delírio de Antonio Vicente não existiu, ou existindo não manifestou-se com uma fase de delírio de perseguição. Aliás, a bem da verdade, diga-se que Nina acrescentou à pag. 56 do seu trabalho " a fase inicial da sua loucura, o período de inquietação, de análise subjetiva ou de loucura hipocondríca, em rigor nos escapa na história de Antonio Maciel, a míngua de um conhecimento mais íntimo de sua vida no lar". Mas, mesmo sem tal conhecimento, nosso diagnos-ticador não se dá por achado e logo conclui clarividente: "É porém, fácil perceber, a influência das

(47)-COLONNEL-Spartaco-Apuntes de Psiquiatria pg.201.

aluninações e a procura da fórmula do seu delírio no que sabemos das suas lutas conjugais e sobretudo nestas mudanças repetidas. " É o achado de Nina, diríamos quase uma criação para justificar o seu diagnóstico. Já tivemos ocasião de analisar todos aqueles fatos - a vida conjugal, as mudanças- desta fase da vida do futuro Conselheiro, fatos que são para Nina manifestações, sintomas concludentes, evidências características de período da análise subjetiva do delírio de perseguição de Antonio Vicente, em suma sintomas evidentes de uma degenerescência da vida mental, aguda e progressiva. Fora de dúvida é uma maneira de ver singular e pessoal que não afasta a possibilidade de ver-se nestes mesmos fatos normalidade psíquica, coesão de comportamento. São maneiras distintas de se ver algo, em si tão cheio de contraste e possibilidade de equívocos de interpretação , tal como é a vida humana. Nina prefere ver no místico que realiza seu plano de vida, um degenerado, um mestiço, denunciador degenerescência da raça que além de um mal clínico o é também social. "Antonio Conselheiro anormaliza extraordinariamente a vida pacífica das populações agrícolas e criadores da província, distraíndo-os das suas ocupações habituais para uma vida errante e de comunismo em que os mais abastados cediam dos seus recursos em favor dos menos protegidos da fortuna". (48) Aqui está, parece-nos, novamente o reflexo da influência

que as notícias sensacionalistas da imprensa da época produziram na análise de Nina Rodrigues, o eco das notícias que davam o Conselheiro como subversivo, perturbador da ordem pública, perigo para o Estado, instituições, e a religião. (49) Aqui a ressonância das notícias a um tempo temerosas e temerárias dos que como o barão de Geremoabo, lídimo representante da nobreza rural, viam naturalmente naquêle líder carismático um perigo para a manutenção do precário equilíbrio social mantido à custa da miséria, politicegem e ignorância. Ainda aqui, parece, encontrarmos

(49) - Circular do Arcebispo da Bahia, 1882, no trecho na fazia referência a Antonio Conselheiro.

"Competindo na Igreja Católica, sômente aos ministros da religião, a missão santa de doutrinar os povos, um secular, quem quer que elle seja, ainda quando muito instruido e virtuoso, não tem autoridade para exercê-lo".

-Trecho do officio encaminhado pelo delegado de Itapirani ao chefe de Policia da Bahia em novembro de 1885, referindo-se ao Conselheiro.

"O fanatismo não tem mais limites e assim é que, sem medo erro, se firmou em fatos posso afirmar que adoram-no, como se fosse um Deus.

"Vivo" (citado em os Sertões pg. 175).

No relatório já referido do Frei João Evangelista do Monte Marciano-1895.

"Subversivo no campo moral e da fé".

Em meados de 1887 lê-se no officio dirigido pelo Arcebispo da Bahia ao Presidente da Provincia.

"Individuo Antonio Vicente Mendes Maciel que está pregando doutrinas subversivas, fazia um grande mal à religião e ao estado, distraindo o povo de suas obrigações e arrastando-o após de si procurando convencer de que era o Espírito Santo..."

Nina argumentando em contradição com as suas próprias teorias. Se considerarmos o que publicou em 1898 em "A loucura das multidões" onde discute a impossibilidade de louco liderar contrariando as idéias de Scipio Sighele(50) que assinalou que o alienado por seu caráter específico de não se associar, tem como característico não se unir, a outrem, defendendo que os loucos não lideram porque não trocam idéias para realizar em conjunto, não urdem complô porque não interagem.

Nina inspirou-se nas idéias de Le Bon, que assim explicava a personalidade dos meneurs : "Eles (os líderes), se recrutam principalmente entre os neurosados, esses excitados, esses semiloucos que rondam as bordas da loucura". O Conselheiro, noticiavam os jornais da época, se fazia acompanhar por séquito fiel que aumentava continuamente. Era evidentemente um meneur, um aliciador de multidões, e como tal no contexto da tese da epidemia vesânica que tanto fascinava Nina Rodrigues, deveria forçosamente ser aquele elemento ativo que criava o delírio e o impunha à multidão. Era forçoso acreditar que o Conselheiro deveria portar qualquer forma de delírio pois "tôdas ou quase tôdas as espécies de multidão, podem ser normais ou loucas ou se tornam loucas se forem normais" e porque" as paranoias

(50)-La coppia criminale-1897.

religiosas constituam as loucuras de associação por exlecência."Para completar o quadro, urgia que o chefe daquela turba portasse uma degenerescência mental de tipo delirante, razão porque Nina passou a "procurar" os índios que haveriam de evidenciar um líder "delirante crônico na fase megalomaniaca da psicose". Hoje, sabe-se que o Conselheiro nunca aliciou adéptos. Os depoimentos são inúmeros. José Marçal citado por Nerton é taxativo: "O Peregrino não conhecia rumo certo nas suas andanças. Não tinha presa tão pouco convidava ninguém a encalçá-lo." (51) -"A principio andava sózinho, mas aos poucos encalçavam-no na rota desorientada os primeiros fiéis", que acompanhavam seus passos, em romaria, no fervor das rezas nas latadas, no ouvir das suas prédicas, construindo capelas, concertando cemitérios, edificando igrejas. Não que os chamasse. Em várias ocasiões aconselhou o povo a não deixar seus lares para acompanhá-lo. É o que afirma em discursos o deputado Antonio Bahia em 1892. Na época são inúmeros os depoimentos favoráveis referentes ao Conselheiro. (52) Sua figura, suas ações, seu carisma enfim ,

(51)-MACEDO, Nerton-"um poeta desconhecido de Antonio Conselheiro" "in Brasil Açucareiro" ano 36-vol. LXXII, agosto 1968, nº 2, pg.90.

(52)- Por ex. Jenes Fontes escrevendo em A Noticia de Aracaju, edição de 29-1-1897 diz:
"Não é um sanguinário, nem assassino como por aí se tem dito. É um suggestionado por ideias religiosas. A par disso ou antes por isso mesmo, sabe ser valente até a loucura, até o martírio".

fornecem-lhe adeptos e acompanhantes recrutados entre membros de uma " coletividade que já vivia à margem da civilização, num isolamento que cria conservantismo de uso e costume e o misticismo que domina a todos".

Sabe-se que as causas que determinam o aparecimento do misticismo são múltiplas e complexas e que o fenômeno do messianismo, o que tem de mais essencial e dramático é a rejeição de uma situação-limite de constrangimento social, pela via dos mecanismos compensatórios da utopia.(53) O carisma, longe de ser um fenômeno individual e particular é a expressão quase sempre de situações vivenciais coletivas, representando o carisma o conjunto de qualidades excepcionais inerentes a um tipo de líder, aquela cuja influência decorre da origem sobre-humana que se lhe atribui. É um status atribuído e foi neste mesmo sentido que o termo começou a ser usado na Sociologia de Max Weber, designando conjunto de qualidades excepcionais, repetimos, de origem mística que um grupo acredita emanar do seu líder, situação que gera estados psicológicos que costumam desempenhar por este motivo, papel marcante na evolução e desenvolvimento de ação de massa. É o grupo que cria o mito, o sustenta, o individualiza de

(53)- QUEIROZ, Mauricio Vinhas de, Messianismo e Conflito Social- Ed. Civilização Brasileira - Rio-1966.

forma extravagante numa figura humana, lhe dá vida, dinamicidade, força e, paradoxalmente, termina por dominá-lo e dirigir-lo. O Conselheiro "arrastava o povo sertanejo não porque o dominasse, mas porque o dominavam as aberrações daquele." (54) Não nos parece ter sido um líder revolucionário que vagava pelos sertões aliciando adeptos. Está fora de dúvida, o próprio Euclides o disse várias vezes em Os Sertões, que "Ele foi, simultaneamente, o elemento ativo e passivo da agitação de que surgiu", visualizando o que representou Canudos como símbolo de um conflito cultural, por ser "uma sociedade velha, uma sociedade morta", porém, acentuando de acordo com as concepções do seu tempo, "galvanizada por um doido". O Conselheiro, personalidade ubieada naquela realidade, não foi analisada considerando-se o meio circundante, em que pese Euclides aceitar que "a sua biografia compendia e resume a existência da sociedade sertaneja. Esclarece o conceito etiológico da doença que o vitimou. Embora visualizando de passagem o problema, foi outro o encaminhamento da análise, inspirado que foi o seu diagnóstico, no trabalho de Nina Rodrigues. Euclides, como o seu inspirador, abordou efetivamente, este aspecto do problema concernente a análise da personalidade de Antonio Vicente, mas preferiu optar por seguir as teses vigentes na época, inspiradas nos conceitos que se cristalizaram na obra de Le Bon. Multidão é

(54)- EUCLIDES, op.cit. pg.178.

sinônimo de ação anormal e seus participantes devem estar, inclusive e sobretudo o líder, vivenciando um qualquer estado mental mórbido. Euclides, como Nina, não despreza a tese nem foge à moda. O primeiro chega até a colocar abertamente o problema, quando assinala saber das dificuldades para distinguir os elementos, traços ou fatores individuais e coletivos da personalidade do místico de Canudos: "É difícil traçar no fenômeno a linha divisória entre as tendências pessoais e as tendências coletivas; a vida resumida do homem é um capítulo instantâneo da vida de sua sociedade"(55) chegando inclusive, em Os Sertões, a deixar uma observação concernente quando analisa o choque cultural que sofrem os soldados vindos do sul, com os novos padrões que o habitat nordestino impõe, mas, por motivos que desconhecemos, não procuram explorar para compreender, ou compreender explorando a personalidade do Conselheiro, à luz dos próprios padrões de conduta, padrões estes inerentes ao ambiente que ele, o Conselheiro, vivenciava. Assim, julgamos que o comportamento do Conselheiro não foi analisado em termos da realidade do seu ambiente, da sua própria reatividade de vivencial e dos padrões psicológicos inerentes a ela. Prefereu-se julgá-lo em termos de padrões alienígenas, talvez de conceitos sustentados por outros padrões e normas, mais condizentes com o ethos de uma cultura litorânea e mais sofisticada, aceitando simplesmente o diagnóstico que um sem dúvida

(55)-Ibidem pg. 150.

famoso nome em psiquiatria, Nina Rodrigues, impusera, diagnóstico clínico a que chegara com base em dados falhos, êle mesmo deixa isso acentuado, mas que não impediram o diagnóstico de implicações duvidias, de delírio agudo sistematizado. Embora sem precisar, Euclides evidencia o papel que desempenhou a "loucura" do Conselheiro no drama sertanejo de Cagados, ficando nas estrelinhas a insinuação, que pelo tempo afora se foi tornando "evidência", e fazendo com que se costume acreditar que foi sua "personalidade de louco" o que provocou o desastre sertanejo de 1897, talvez esquecidos os perpetuadores da lenda, que ainda hoje o fenômeno se repete, como ocorreu, in diminucio, a não muito tempo, no município bahiano de Santa Brígida(56). O certo é que embora assinalando a existência de um conflito cultural, ao julgar a personalidade de Antonio Conselheiro não pode Euclides, como também Nina, subtrair-se as suas próprias influências culturais, isolar-se dos seus padrões referenciais, não pôde, em suma, libertar-se de um diagnóstico que lhe impunha seu ethos, ou melhor diríamos, não lhe foi possível esquecer o comprometimento com a tese que lhe parecia defensável, no julgar a personalidade do Conselheiro como anômalo, inclusive porque era sertanejo, "homens...

(56)-DUARTE, Raymundo-"Um movimento messiânico no interior da Bahia "I in Revista de Antropologia, vol. XI, nº 1 e 2 -São Paulo-1963 pg.41 e ss.

mas inúteis da nossa terra", parcialidade inconsciente, traída em muitas frases de Os Sertões, ponto de vista que conduz a não poucas contradições, atitude mental reveladora dos prejuízos e preconceitos produtos do seu hábitat cultural requintado, cosmopolita, litorâneo. Aliás, êste aspecto da obra Euclidiana não foi ainda suficientemente explorada por seus críticos, pois como se assinala " não escapa Euclides da Cunha ao destino de muitos escritores e cientistas afamados: o de ser continuamente glorificado e raramente estudado. " Em resumo, diríamos que a aporção de Euclides quanto à personalidade do Conselheiro está claramente influenciada pela tese vesânica que marca tãda a obra do autor de "As Coletividades Anormais" no campo da antropologia cultural, aceitação de um ponto de vista, comprometimento com uma "maneira de ver" científica que terminou por comprometer o acerto e fidegignidade, do diagnóstico que se fêz da personalidade do Conselheiro, insistindo em se lhe dar como paranóico delirante, apoiando-se tal conceito, à guisa de elementos sintomáticos, em certos fatos da vida mística de Antonio Vicente, interpretados conforme a convivência, transmutados em evidências- sintomas, verdadeiras "descobertas" que viveram a calhar, encaixando-se perfeitamente no quadro nosológico que se imaginou diagnosticar. Assim é que, vendo a personalidade de Antonio Vicente, apenas através dos detalhes clínicos de uma suposta anormalidade psíquica, é que Nina Rodrigues continuando na " explicação" de como

chegou a intuir certos sintomas do famoso diagnóstico diz no seu mencionado trabalho: "já por esta ocasião, em pleno segundo período bem se revela a coerência lógica do delírio na transformação da personalidade do alienado. A turba que seguia Antônio Conselheiro quis opor-se à sua prisão mas, à semelhança de Cristo, ordena-lhes Conselheiro que não se movam".

É o professor Nina que evidencia esta "a semelhança de Cristo", projeção desconcertante, que o seu desejo inconsciente de "descobrir" detalhes significativos lhe impunha. Parecia-lhe, a Nina, absurda esta não resistência embora não pudesse ser outra a atitude do Conselheiro porquanto, e quem diz é o próprio Nina (57) "são todos acordes em confessar que na população que o segue jamais consentiu ou patrocinou desmandos ou atentados contra a propriedade ou contra pessoas". Considere-se aqui a verdadeira personalidade, coerente e normal, de Antonio Vicente. Em sua mansidão e lucidez o Conselheiro sabia-se inocente do crime que lhe imputavam: a lenda que então corria do duplo assassinato de sua mãe e da esposa nas plagas cearenses(58).

(57)-As Coletividades Anormais-pg.60

(58)- Veja-se "Antonio Conselheiro não é matricida" série de artigos que Ismael Fardens publicou em O Nordeste edições de 26-9-49 e 10-10-49.

Um megalômano sim, talvez lançasse seus companheiros numa resistência desnecessária e absurda. Talvez que um meneiro desvairado transformasse seus seguidores numa turba agitada, numa multidão a tiva, nos termos da possibilidade aventada por Le Bon. Mas o Conselheiro, que não era um paranóico d lirante, não o fez porque sabia plenamente de sua própria inocência que aliás efetivamente foi comprovada quando da sua chegada em Quixeramobim. Evitando lucidamente transformar seu grupo numa multidão, evitou conflito de proporções para o que o acompanhavam, e que, esclareça-se, não era nesta época uma turba como faz crer Nina, mas uns quantos e poucos como já se assinalou, grupo obediente que não se moveu, p roforindo obedecer ao Conselheiro, mesmo porque ê le a firmava "aos discípulos que iria mas havia de voltar um dia. Imperturbável a serenidade com que se comportou então? É o próprio depoimento de Nina(59). Observação que lhe parece surpreendente o incômodo. Perguntamos: poderia ser outra a atitude do Conselheiro? Que esperava Nina de um místico bem intencionado, lucidamente convencido de que nada de mal fizera? Conselheiro era um bom de coração, conscientemente preparado para as vicissitudes que certamente encontraria na vida que abraçara. Nesta oportunidade, tudo sofreu com resignação. Sua conduta é, no decorrer dos episódios a que nos aludimos, coerente e lógica. Não

(59)-Nina Rodrigues-op.cit.pg.56

acusa os guardas que o haviam maltratado fisicamente na viagem entre Itapicuru, onde foi prêso, e Salvador, em fins de junho de 1876. E este detalhe que teve para Nina valor de evidência significativa para justificar suas suspeitas de um delírio, para caracterizar o tipo de alienação que o psiquiatra estava talvez inconscientemente criando, apenas atesta para nós, uma ~~cons~~ ciência de comportamento, evidencia um traço significativo e marcante da sua personalidade : a bondade.

Sempre fôra um manso de coração que apenas almejava aconselhar para converter, aspirando a salvação eterna e o bem da Igreja. Sua mansidão e ausência de revolta nada tinha de loucura. Eram sim, parece-nos, atitudes sinceras de um mártir.

Mesmo em plena Guerra de Canudos, encontramos vestígios desta bondade que sempre caracterizou suas ações, no trecho de uma carta encontrada nos ancombros de Canudos-, após o massacre de 5.10.97, que venceu a custo de fôgo e dinamite a resistência dos cinco últimos defensores do Belo Monte, carta daí escrita em 21.4.97 por F.P. de Almeida e onde se lê: "só temos ordem de nos defender até que os inimigos corram".

A frase que o Consolheiro pronuncia em presença da polícia de Salvador, negando-se a

acusar seus algozes, "limitando-se a responder que mais do que ãle havia sofrido Cristo", (frase que tege para Nina o p̄so de uma evidẽncia conclusiva, e testando a alienaãõ do Peregrino), nãõ nos surpreen- de, mesmo hojs, porque a sabemos expressãõ de resig- naãõ, lugar comum no linguajar do sertãõ, inúmeras v̄zes jã ouvida, quase um refrãõ naqueles momentos em que ao sertanejo, eternamente sofrido, nãõ lhe resta senãõ o consõlo de comparar suas desgraças e as injustiças que sobre ãle se abatem, com o sacri- fício maior do Salvador da humanidade. Provada a im- procedẽncia do crime que lhe imputavam, apõs ter ve- rificado nãõ ser o Conselheiro acusado de nenhum crime naquela comarca, liberta-o o Juiz Municipal de Quixeramobim por officio datado de 12 de agõsto de 1897. Encerrava-se, assim, o primeiro ato de sua via crucis, cujo calvário, seria tambẽm, por uma significativa coincidẽncia, em Belo Monte.

Volta ao Sertãõ escreve Nina Rodrigues: "E cada vez mais encarnado no papel enviado de Deus, desde entãõ Antonio Conselheiro prosseguiu impertur- bável na sua missãõ".

Excluída a facciosa referẽncia no que diz respeito a incarnaãõ no papel de enviado de Deus, que à luz dos fatos histõricos é de todo impro- cedente, como procuramos demonstrar, e que provavel- mente foi inspirado a Nina pelo noticiário da época, à semelhança daquale que encontramos no Correio da

Behia edição de 7.7.76 onde referindo-se a prisão do Conselheiro, um articulista comenta "dizendo-se enviado de Cristo" para contraditòriamente revelar, linhas adiante que Antonio Conselheiro obstinadamente nada quis responder ao questionário policial.

O fato é que, uma vez livre das suspeitas de assassino continuou em sua peregrinação, construindo igrejas e ajudando aos necessitados. É nesta época que Nina assinala ocorrer o terceiro estágio desenvolvimento da sua psicose progressiva dando -lhe como trauma desencadeante o advento da República que "veio desdobrar o delírio religioso do alienado, salientando a fundo de perseguição que, o tendo acompanhado sempre, como é de regra em sua psicose..."

Já tivemos oportunidade de assinalar, em linhas anteriores, o que representou o advento da República no solo dos acontecimentos que analisamos. Não são bem consequências psiquiátricas, as mais importantes, que o fenômeno republicano, como causa, tornam significativas no contexto dos acontecimentos que relatamos. Muito mais significativo e importante, no elucidar dos fatos, é evidenciar-se e analisar-se a chegada da República como causa que opera consequências sociológicas marcantes na estrutura da subcultura sertaneja.

O próprio autor de "As Coletividades A normais", vislumbrou o detalhe mas não o desenvolveu quando afirmou à página 70 do seu trabalho:

"São monarquistas, como são fetichistas, menos por ignorância, do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto".

" A monarquia era o viveres baratos, a vida fácil; a república é a vida difícil, a carestia dos generos alimentícios, o cambio a 0".

Já esboçamos, anteriormente, neste trabalho, tal evidência, razão porque nos fixaremos agora apenas no quadro psicológico que o Professor Nina Rodrigues pinta do Conselheiro, com base neste detalhe aludido, o advento da República, forçando uma explicação convincente ao seu propósito de diagnosticá-lo como alienado:

"O seu viver é uma oração contínua e contínuo o seu convívio com Deus, provavelmente de origem alucinatória".

Em que pese o provavelmente, fruto talvez de um lapso freudiano, a insinuação tem uma intenção bastante clara que contraria o que o próprio autor escreve as páginas 59 do mesmo trabalho:

" O atestado de uma atividade nêste prazo e da fôrça de convicção religiosa que despertava está escrito ao vivo pelas paróquias do interior deste Estado, nos inumeros cemitérios, capelas e igrejas que nelas edificou".

Ora, ou bem o Conselheiro nesta suposta fase de isolamento e beatitude, vivia uma oração contínua, num convívio alucinatório com Deus, ou muito sadia e humanamente era o chefe de um pequeno e laborioso grupo religioso que, ativamente, dedicava-se a construir, consertar igrejas, capelas e cemitérios.

É uma contradição, difícil de ser "explicada" mesmo considerando-se o tipo de psicose que o Prof. Nina diagnosticou para o Conselheiro, delírio crônico sistematizado, o que equivale dizer um quadro de "anormalidade" psíquica onde a coerência de atitudes, a conduta aparentar tal normalidade que só um rigor classificatório, um apego demasiado à fórmulas, levariam a enquadrar como patológicas as manifestações do comportamento do sujeito supostamente diagnosticado como portador tal quadro mental anômalo.

É o que faz Nina Rodrigues, assinalando:

"A coerência do seu delírio se demonstra na correção com que desempenha o papel de enviado de Deus".

Mesmo desprezando o detalhe "coerência de delírio", contradição assinalada e criticada pelos defensores das aporções etnográficas em psiquiatria, e o "papel de enviado de Deus" que o autor tenta mais uma vez pôr em destaque, e que é, como já assinalamos, de sua exclusiva criação, queremos ressaltar que, à luz dos depoimentos conhecidos, não foi o Conselheiro, alguém que vivesse confinado, espécie de ermitão que vivesse em sua cova para orar, jejuar e mortificar-se. É fato que o Conselheiro prescindiu dos bens materiais, higiênicos e de subsistência, porém tais atitudes, assinalamos, são perfeitamente coerentes, como valores espiritual, padrões de comportamento normais, repetidos, coerentes com as expectativas de comportamento inerentes a uma personalidade mística, conforme as normas vigentes à sua sociedade e época, ao seu ethos cultural. Há que desprezar-se portanto, como sintomas conclusivos, e evidenciadores de uma anormalidade psíquica os hábitos de pouca higiene, de parcimônia alimentar que o Conselheiro adota, a partir do momento em que resolve dedicar-se mais profundamente a uma nova vida, de feição mística.

O que queremos deixar claro é que o Conselheiro nunca metamorfoseou-se em "Santo", em alguém que vivenciando um papel místico, isola-se, foge do contacto com os seus semelhantes para buscar apenas o convívio com Deus, de forma e maneira

alucinatórias. Não. Não nos parece válido admitir-se tal suposição. Longe de ser um Santo recluso, foi sempre o Conselheiro um líder atuante, dinâmico, no grupo e na sociedade das quais participou. Foi um líder ativo, o próprio Nina, o assinalou, quando evidenciou o seu afan construtivo -"A Vila de Bom Jesus quase por ele edificada..." (60)

"Foi estabelecer(se) ... em Canudos... que em curto prazo Antonio Conselheiro, havia transformado de estância deserta e abandonada em uma vila florescente e rica".

Os depoimentos são inúmeros desta sua atividade física, construtiva, presente, atuante, humana enfim. Não vivia recluso a rezar, numa apenas vida contemplativa, monasterial, vida de claustro, para penitência e oração como insinua Nina Rodrigues. Em Canudos sua presença física era marcante, dirigindo, orientando, participando da vida rotineira da comunidade. Vemo-lo, mesmo nos últimos momentos da cidadela santuário, entre as trincheiras, humanamente esbravejando contra os soldados que aos seus matabam num ritmo macabro, constante e cruel. É o que nos conta o depoimento insuspeito de Macêdo Soares(61).

(60)-Nina- op. cit. pg. 61

(61)-SOARES, Henrique Macêdo- A Guerra de Canudos - Tip. Ed. do Exército . Rio.1953-pg.316

Foi o Conselheiro, fora de dúvida, quanto a ação ou reatividade existencial, um líder natural ativo; Um líder cujo misticismo, é claro, outorgou a sua liderança colorido carismático, pela própria natureza do ambiente humano, da sociedade e subcultura, sertaneja. Foi este aspecto do problema, parece-nos, que forneceu subsídios a Nina Rodrigues para dirigir ou orientar sua explicação mais no sentido psiquiátrico, minimizando os aspectos sociológicos do fenômeno quando por supostos aspectos psiquiátricos das figuras-tipos envolvidas, baseou-se na tese da epidemia vesânica para explicar o fenômeno, tese que também, como vimos, tal impressão causou a Euclides da Cunha a ponto dele a aceitar e transpor, sem maiores comentários, para as páginas de Os Sertões.

Assim é que escreveu Nina Rodrigues em seu referido trabalho".

"Alguna coisa mais do que a simples loucura de um homem era necessária, para este resultado e essa alguma coisa é a psicologia da época e do meio em que a loucura de Antonio Conselheiro achou combustível para atear o incêndio de uma verdadeira epidemia vesânica"(62)

Convém aqui uma pausa, para esclarecer os fundamentos desta teoria da epidemia vesânica tão

(62)-op.cit.pg.63.

significativa para compreensão do diagnóstico que o Professor Nina Rodrigues fez da personalidade de Antonio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro.

As "leis" do contágio vesânico foram inicialmente formuladas em 1877 por Laségue e Falret, os quais observaram no decorrer do referido contágio, três elementos básicos assim descritos: primeiro é necessário a existência de um elemento ativo que cria o delírio e o impõe à multidão, multidão esta que passa então a representar o elemento passivo do contágio que, entretanto, embora aceitando as idéias delirantes, reage por seu turno sobre o elemento ativo, retificando, consertando, emendando, coordenando o delírio, que só então se torna comum. Como segundo elemento é também indispensável uma convivência prolongada das duas ordens de espírito, "vivendo uma vida comum, no mesmo meio, partilhando o mesmo modo de existência, os mesmos sentimentos, os mesmos interesses, os mesmos temores, as mesmas esperanças e estranhos a qualquer outra influência externa". Em terceiro e último lugar, o contágio do delírio requer nele "um caráter de verossimilhança à sua manutenção nos limites do possível, repousando em fatos ocorridos no passado ou em temores e esperanças concebidas para o futuro". (63)

(63)- Citado em Arthur Ramos-Introdução a Psicologia Social. pg. 186.

Do exposto fica-nos, como síntese, que tais loucuras epidêmicas requerem um ambiente com condições especiais, para se constituir. Admitamos que a sociedade sertaneja do tempo do Conselheiro fôsse um ambiente com tôdas as condições necessárias para constituir-se em palco de uma loucura epidêmica, que se teria cristalizado como síndromes, v.g. em acontecimentos tais como os de Canudos. Aceita a tese, forçosamente se dará o Conselheiro, na qualidade de membros participantes daquela sociedade como elemento passivo, e o seu habitat social, o meio que vivenciava como elemento ativo. Seria assim ele, condicionado por um elemento ativo, não caso o contexto cultural sobretudo místico, um simples elemento número naquela coletividade supostamente anormal, mero elemento passivo do contágio vesânico. Seria um condicionado e nunca um condicionador. Sua "loucura" seria superficial e sem raízes e para desaparecer bastaria que ele se afastasse do ambiente sugestivo em que se achava. Sabe-se por outro lado, e isto implicaria em debilitar o caráter genérico e universal, que o professor Nina deu ao fenômeno do contágio vesânico, transportando-o para o campo sociológico, por inspiração evidente da obra de Le Bon referente a psicologia das multidões, que as "leis" referentes a este tipo de contágio, o vesânico, propostas por Lasgue e Falret foram formuladas para o caso mais simples de contágio vesânico, o

caso do delírio a dois, a portação médica, circums -
crita ao campo psiquiátrico. De qualquer modo, Nina
Rodrigues vê nos acontecimentos sertanejos balancos
do fim de século passado, objeto de nossa análise ,
uma manifestação de epidemia vesânica, característi -
ca, inconfundível, tanto mais que "não é peculiar
a Canudos, a tendência a se constituir em uma epide -
mia vesânica de caráter religioso" (64) quando fa -
tos ocorram com aquelas características que o autor
acreditava existir, naquele momento e lugar. Os e -
lementos-detelhes de natureza religiosa, cresciam de
significado antes seus olhos desejosos de reconhecer
e encontrar aqueles sintomas, de natureza psicológi -
ca, que as teses da época, sobretudo as referentes
à loucura das multidões, costumavam por em evidência,
e que se ajustavam perfeitamente às suas
próprias idéias referentes à religiosidade correla -
cionada com a capacidade mental. Assim é que, na -
quela população sertaneja, no seu conceito popula -
ção portadora de qualidades negativas por quanto e -
bundavam nela os elementos mestiços, o fato deveria
corresponder perfeitamente a um seu prévio quadro
conceptual e referencial:

(64)- Nina, op. cit. pg. 70.

"religiosidade fetichista da população baiana... crise em que se encontra o seu sentimento religioso, no conflito entre a imposição pela educação que recebe a população, de um ensinamento religioso superior a sua capacidade mental e a tendência para as concepções religiosas inferiores que requer a sua real capacidade efetiva".(65)

" Alimento a suposição de ter demone - trado com fatos que a população brasileira é puramente fetichista ainda mesmo na afirmação de suas crenças católicas" (66).

São palavras de Nina que nos levam a pensar estamos em face de um fenômeno de aculturação intelectual. Profundo pesquisador de assuntos relacionados com a religiosidade do negro na Bahia, e no Rio de Janeiro, numa área cultural de, neste setor, marcante influência africana, estendeu ou transpôs para o sertão suas observações, generalizando-se.

(65)- Ibidem pg.71

(66)- Ibidem pg.74.

"A divinização de Antonio Conselheiro (divinização que êle acreditava existir na época mesma em que se passara os acontecimentos da guerra de Canudos) devia, pois, dar (à população sertaneja) plena satisfação às necessidades do seu sentimento religioso. Era a satisfação do seu fetichismo ainda mesmo na afirmação das suas crenças católicas" (67).

"Nesta população de espírito infantil, inculto, assim atormentada por uma aspiração religiosa não satisfeita, forçosamente havia de fazer senegação a figura impressionante de um profeta ou enviado divino desacompanhado por delirante crônico na fase ne galomaníaca na psicose".

Ê, a teoria em que se apoiava Nina Rodrigues, a tese do contágio vesânico, requeria a existência de um elemento insano oriador de um delírio e logo, forçosamente, o Conselheiro deveria ser um desequilíbrio mental grave. Sua força sugestiva, o vigor de sua liderança deveriam ser para Nina e - vidências de loucura. Tal idéia se lhe impunha seu esquema de referências conceituais:

"Tal é a origem e. a. explicação da força sugestiva do Conselheiro no papel de elemento

(67) Ibidem pg. 74.

ativo da epidemia de loucura de Canudos "Era e psiquiatra dublé de antropólogo, não de todo liberto dos seus inconscientes compromissos intelectuais, devido a sua formação profissional médica.

E tanto nos parece verdadeira tal observação que vamos encontrar em outro trabalho de Nina Rodrigues (68) elemento para refutar a idéia de ter sido Canudos exemplo típico de um caso de loucura coletiva. Fora de dúvida Canudos não foi expressão fidedigna de uma loucura do multidão. Não foi Canudos mera turba agitada e desvelada onde a insênia fosse apanágio coletivo. Muito pelo contrário, foi um grupo social estável, estratificado numa comunidade. Tal observação já foi substancialmente fundamentada num trabalho de Romano Barreto, que em síntese afirmou:

" A Sociedade de Canudos era senhorial (forma social-séquito) fortemente emocional sujeita a dominação não racional, não sujeita a regras, isto é, a uma dominação carismática". (69). Foi Canudos pode-se dizer, uma sociedade de estrutura social especial, porquanto sociedade, diríamos, de feição teológico onde, por isso mesmo, as estruturas

(68) A loucura das multidões publicada em 1898.

(69) "Um líder Carismático" in Sociologia- São Paulo. vol. n° 3, pg. 230.

tinham feição singular. Ieto sim pode-se arguir quanto à sua natureza especial, não porém que tenha sido produto de uma loucura epidêmica. Seus membros não representavam a casébia da sociedade sertaneja, repositário de desequilibrados mentais. Seus líderes não necessitavam da pecha da loucura para serem o que foram.

Acreditamos como Sighele(70), a quem Nina critica e de quem discorda, na impossibilidade do louco liderar.

O que caracteriza o alienado é o seu caráter específico de não se associar, de não se unir a outrem, de fugir do contato do mundo, mesmo em se tratando de quadros mórbidos, como aquele em que colocou Nina Rodrigues o Conselheiro. Um delirante crônico na fase megalomaníaca da psicose tem reduzidíssima capacidade de trocar idéias para realizar em conjunto, pela própria feição peculiar que assume a sua estrutura ideativa. Os loucos não costumam interagir. Um hospício, no que diz respeito aos pacientes, jamais se transformará numa sociedade. Os loucos não urdem complô, não engendram situações de cooperação social. Mas o professor Nina Rodrigues, sob influência, acreditamos, das teses de Gustavo Le Bon e de Gabriel Tarde, não pensava assim. Inclusive acreditava ser frequente a associação em todas as formas de delírio sistematizado

(70)-SIGHELE, Spocio-14, cópia Criminalo-1897

"quer tenha esta a coerência lúcida da loucura racionalmente, ou nos verdadeiros delírios, como na psicose sistematizada progressiva (delírio crônico de evolução sistemática de Megnan) ou nos delírios sistematizados dos degenerados"(71), e mais ainda, que as paranóias religiosas constituam as loucuras de associação por excelência. E não esquecer que nos fenômenos de massa, os maneurs, conforme Le Bon "se recrutam principalmente entre os neuróticos, esses excitados, esses semi-loucos, que rondam as bordas da loucura"(72)

Sim, para Nina Rodrigues, Canudos foi expressão de uma loucura coletiva, e desta crença decorreu a conclusão a que chegou com referência a personalidade de Antonio Vicente. Infelizmente, o líder maior de Canudos, o Conselheiro, foi um místico, e dizemos infelizmente, porque este tipo de personalidade conduziu Nina a acreditar, devido à singularidade de vida e comportamento que adotou,

(71) "A loucura das multidões" in Coletividades Anormais-pg. 83.

(72) Le Bon, Gustave-Psicologia das multidões- Ed. Aurora- Rio - pg. 96.

vida de um místico, ser ãle um desequilibrado, já que tal perspectiva vinha a calhar com as teorias nas quãle acreditava e defendia.

Foi, entretanto, perguntamos, Antonio Conselheiro, sequer um débil paranóico, havendo ouvido o seu delírio com a "fórmula social" de meio inculto onde vivia, como queria Arthur Ramos?

Se o que caracteriza a debilidade mental é sobretudo um deficit ou um baixo rendimento intelectual, sequer podemos imputar ao Conselheiro essa deficiência psicológica, com base nos depoimentos que com referência a ãesse aspecto possuímos d'ãle. Se considerarmos, por exemplo, sua produção literária no que conhecemos de objetivo, no caso os sermões contidos em seu livro de orações, já referido neste trabalho, a acção do qual tantos elogios já se teceram, e ao dar-se crédito a muitos depoimentos da época, certamente que ficará prejudicada a descrição que Arthur Ramos fez do seu tipo psicológico. Muitos atestam que era homem inteligente e mesmo instruído, guardadas, evidentemente, as limitações próprias do seu ambiente e as restrições naturais, quanto ao aprimoramento intelectual que sua época pressupunha.

Foi o Conselheiro, efetivamente, fora de um rigor clínico classificatório, um delirante crônico que findou seus dias na fase megalomaniaca da psicose como diagnóstico Nina Rodrigues?

Tentamos nas linhas anteriores responder a tales perguntas, assinalando detalhes que nos pareceram válidos para ajudar numa possível reformulação, sob o enfoque da psicologia social, daquele retrato psicológico do místico de Camúdos que legaram à História. À maneira de complementação argumentamos ainda:

Não basta dizer-se de Antonio Vicente Mendes Maciel o Antonio Conselheiro de Camúdos, se foi ou não um louco. O conceito de anormalidade psíquica não é, como vimos, fácil de ser apreendido. A personalidade humana é por demais complexa para que se possa, à luz de uns quantos poucos detalhes, dizer de alguém: é normal ou insano.

Modernas teorias psicológicas estão acordes em defender que um caso de emoção moral pode produzir um certo tipo de "delírio" transitório, espécie de infecção passageira que como consequência mais comum traz novas impulsões e motivos, novos móveis para a personalidade como estrutura, determinando para ela novas diretrizes e perspectivas vivenciais, quase difíceis uma nova feição caracterizadora.

A moderna concepção da personalidade, no campo da psicologia social sobretudo, pressupõe um seu caráter dinâmico, extremamente adaptativo. Viver é adaptar e o ser no afã de cumprir tal

desiderato, que parece difigir os princípios da normalidade psíquica, pode, fora de qualquer manifestação de degenerescência mental adquirida ou hereditária, tentar uma reestruturação de sua personalidade como um todo, adaptar-se a um novo esquema vivencial proposto pelas circunstâncias do existir-no-mundo, adotando novos padrões de comportamento, sem que isso possa vir a ser, necessariamente, concebido como anormalidade, pois diríamos de conformidade com a doutrina psico-sociológica de Gh. Blondel sobre a consciência mórbida, que a loucura é, principalmente, conflito de adaptação à realidade vivencial; é desacôrdo entre consciência e a realidade social onde está ubicado o ser.

IV- Antonio Conselheiro: um caso de readaptação do esquema vivencial.

Concebemos por personalidade, um da do psicológico, manifestação tipicamente humana, reativa, vivencial, exteriorizada sob forma de con duta padronizada própria a cada indivíduo, como fórmula adaptativa cuja finalidade é ajustar con tantemente o ser à dinâmica realidade externa que lhe é, enquanto ação impeditiva e frustativa, comumente hostil.

Assim é o que o ser, no afã de adaptar-se continuamente, busca realizar-se exteriormente no meio, naquela direção onde menos seja su to ou hetero-agredido, onde menos sofra, onde ma nos entre em choque seu esquema psíquico, sua estrutura de personalidade e sua possibilidade de realização vivencial. Expliquemos neste ponto de vista.

Como fenômeno comum a todo ser humano temos, como realidade psíquica, extratos independentes, porém, inter-reativos que podem ser con cebidos tripartidos: como um esquema psíquico, sub trato neuro fisiológico, matriz orgânica, condição

material necessária e indispensável à realização da vida psicológica, estrutura sobre que se apoia, apenas fisicamente, aquela outra estrutura, a personalidade, entidade dinâmica que resulta de adaptar-se constantemente à realidade externa e aos seus reflexos na realidade interna, mediante a possibilidade de realização vivencial que é por assim dizer, o condicionamento ativo da realização do ser no mundo, enquanto forma de pressão a partir do mundo para o ser.

Tal maneira de ver pressupõe, evidentemente, em aceitar-se, como conceito fundamental, que qualquer análise da personalidade, implica necessariamente no exame desta personalidade ubica em seu contexto sócio-cultural. Nossa aportação, em suma, implica numa visão da personalidade da maneira como é comumente colocada conforme a aportação da Psicologia Social.

Isto posto, poderemos perguntar em que sentido se pode conceber as variações da estrutura da personalidade, ou as variações da possibilidade de realização vivencial, como manifestação de um desequilíbrio mental, ou como anormalidade psíquica?

Aceitando que os desajustamentos decorram sempre de conflitos, podemos, como Allport (73) responsabilizar como causa de desajusta-

mento a pelo menos três grupos principais de conflitos: o conflito de luta, o do sexo e o de inferioridade. Quando o ser reconhece a existência de qualquer forma de opressão, restrição ou resposta contrária a uma sua forma qualquer de comportamento, tende a responder pela cólera, estabelecendo-se conflito de luta, tentativa de remover as causas bloqueantes do seu comportamento, busca de eliminação do que se lhe parece as causas da contrariedade. Nesta tentativa, pode ocorrer o mádo, ou os processos socializadores de contenção, de origem extra-ser, a educação no sentido amplo, e os impulsos de luta podem ser reprimidos. Quando isto acontece é comum o ser praticar uma introversão da reação de luta e não podendo libertar a resposta que lhe parecia adequada para solucionar a opressão, altera o seu quadro de realização vivencial e "sua primeira característica é um incremento da afetividade. A vida da pessoa se torna um sucessão de dispoição, de excitações e depressões", (74) podendo ocorrer algum tipo de resposta nos conflitos de cólera, desde a resposta hostil em fato ou imaginação, encontrada em 71% dos casos segundo Richardson (75), ou a atitude indiferente, de neutralidade reativa, que se encontra em percentagem insignificante, ou encontrar ainda o tipo intermédio de reação "e segundo tipo de

(74)- ALLPORT. op.cit.pg. 340

(75)- RICHARDSON, R.F.- A Psicologia e a Pedagogia de Colera.

resposta colérica é o da reação contrária, da não resistência, do self-control. É encontrada em 18% dos casos. É a atitude cristã de apresentar a "outra face para a bofetada". Trata-se aqui de reações que atingem ao limiar da anormalidade. Elas caracterizam as personalidades mórbidas, os ascetas, os martires".

Na área dos conflitos de sexo, é a família o centro inicial onde ocorrem os primeiros desajustamentos problemáticos relacionados, principalmente, com os contactos reativos entre os membros deste grupo primário. Freud e sua escola colocaram o problema das relações familiares de maneira extensiva, destacando o papel de tais relações, ressaltando sobretudo o seu significado no desenvolvimento "normal" da personalidade, ao ponto de afirmar que o "romance neurótico familiar" é o grande responsável por tôdas as manifestações de desajustamento humano. As relações parentais, no contexto da teoria da libido assume importância capital na explicação das formas de adaptação vivencial que o ser irá desenvolver.

Representa a família o primeiro campo de luta entre o ser e o mundo impeditivo, ambiente natural dos primeiros contactos e manifestações das realizações vivenciais, onde surgem as restrições iniciais do ambiente social, provocando o conseqüente recalcar de tendências, fonte, ou melhor diríamos, móvel de desajustamentos presentes e futuros.

* Os desajustamentos futuros da vida social exprimem uma regressão às fases pré-históricas dos complexos familiares, com tôdas as paradas, fixações e complexos.

* A resultante vital é a consequência de uma evolução sexual perfeitamente realizada. As dificuldades em se atingir a essa resultante vital exprimem, a revés, peripécias, fixações, complexos não resolvidos, na evolução da libido. No drama familiar, as primitivas personagens - o pai, a mãe, os irmãos ... - tornam-se imagos e em torno deles gravitam as relações futuras do indivíduo.

*A mãe, principalmente, como um selector de emoções, exerce um papel extraordinário" (76).

É ainda na escola da psicanálise, sobretudo através das aporções referentes à psicologia individual de Alfred Adler, que travamos conhecimento com a importância que assume na explicação dos desajustamentos sociais os conflitos de inferioridade.

Adler, buscando indagar acerca de motivação finalista do comportamento humano, desenvolve tôda uma teoria da vida psíquica, na qual os conflitos de inferioridade assumem papel significativos. Sua escola, a da psicologia individual, "é uma técnica de compreensão finalista, teleológica, prospectiva dos atos humanos. Tudo tem que ser

(76)- RAMOS, Arthur-"Os desajustamentos psico-sociais" in-Introdução à Psicologia Social- pg. 185.

compreendido dentro de uma "linha diretora" teológica. Um "plano de vida" (Lebensplan) é sempre um ideal de dominação, ligado aos impulsos de agressão do eu (Aggressionstrieb Ichtrieb). O indivíduo quer sempre sobrepujar os outros e, quando falha nos seus intentos, procura criar "planos fictícios" de vida para "super-compensar" os seus fracassos. É o caso do neurótico e dessas mil variedades de complexo de inferioridades à busca de "super-compensação".
(77)

Adler descreveu, tratando das crianças "difíceis", com tendência a desajustamento comportamental futuro, uma categoria de relação vivencial familiar, que sobretudo nos interessa aqui assinalar. Trata-se da criança odiada (gehasstes Kind) representada, quase sempre, pelos órfãos enjeitados, enteados, filhos ilegítimos etc.etc., que desde cedo vivenciam a ausência de amor, vivem atormentados e perseguidos, e por isso mesmo, desenvolvem sentimentos nos quais predominam o sentir-se estranhos no mundo que vivenciam, sentimentos de desconfiança que os leva a fugir do contacto social, desadaptando-se.

Colocadas essas observações iniciais, poderíamos sugerir que a personalidade é uma síntese flutuante que o ser adota, sempre numa expectativa de dinamicidade, com a finalidade de harmonizar-se

com as mudanças e os conflitos, que são constantes no mundo, assegurando para si com essa expectativa de adaptação constante, e estabilidade psíquica emocional, o ajustamento enfim.

Situada dentro desta concepção a personalidade aparece como extremamente dinâmica, com uma funcionalidade típica que reside numa capacidade de readaptar seu esquema vivencial às circunstâncias, logrando como resultado uma sobrevivência do ser de forma mais adaptada, o que equivale a dizer, mais conforme os padrões ambientais.

Voltamos a insistir na necessidade de nos situarmos numa posição de neutralidade axiológica quando pretendemos intuir o conceito de normalidade psíquica. Inferir de um dado comportamento, um conceito de normalidade ou anormalidade, equivale quase sempre presumir seu caráter de ajustamento ou desajustamento a um certo nível ou padrão pré-estabelecido como norma.

O campo de estudo dos ajustamentos e desajustamentos na relação homem-meio constitui objeto de várias especialidades científicas, e notadamente o desajustamento social, sob as várias formas, como crime, loucura, conflito, pauperismo, doenças etc., tem interessado a um bom número de campos científicos mormente como e pelo caráter de anormalidade que representa.

O viver em sociedade pressupõe a obediência a normas e padrões e o indivíduo considera-se ajustado quando, consciente ou inconscientemente, adere a pautas de comportamento prescritas pela realidade social.

Sabe-se que para cada situação social o grupo estabelece padrões de conduta mais ou menos definidos, porém não de forma absoluta, permitindo um por assim dizer, espaço de variação em torno do centro, em torno da norma definida como tal.

Para que a personalidade do indivíduo receba aprovação coletiva, o que equivale dizer , para que receba, sua personalidade o status de normalidade psíquica, requer-se aprovação social, em termos de estar a conduta do indivíduo compreendida no âmbito da normalidade reconhecida como tal . É a relatividade inerente ao próprio conceito de normalidade que já assinalamos no início deste trabalho, inclusive chamando a atenção para a dificuldade de definir-se o conceito de normal, mesmo no plano da vida orgânica, o que implicaria quase sempre num julgamento de valor.

Tal é o ponto de vista de Arthur Ramos quando escreveu: (78)

(78)-RAMOS, Arthur-A Higiene Mental nas Escolas e Suas Bases Teóricas-Rio-1934-pg.5

" O conceito de "moléstia" implica antes de tudo um julgamento de "valor" pelo próprio doente. O conceito médico de "saúde" e "doença" seria uma soma de conceitos fenomenológicos fundados sobre a noção de "média". Assim, "saúde" (tanto física como mental) seriam estados médios; "doença" (física e mental) desvios da "média". Mas, por outro lado, há desvios da "média" estacionários, implicando uma força e resistência tais, que se poderia falar num "desvio indiferente", igual pragmaticamente ao conceito de "saúde". Não há pois, um conceito "normal" de saúde, mas um conceito que implica valores, como capacidade de trabalho, no sentido de saúde física; e adaptação social, etc., no sentido de saúde mental".

Ora, sabe-se, também, que nem todo desvio de média é necessariamente anormal, sobretudo em se tratando de comportamento humano. É o que assinala K. Jasper (79) falando de um desvio indiferente, espaço teórico no qual se situaria o "são na prática".

Tais variações permissíveis, no campo da conduta humana, manifestar-se-iam como temperamentos, em termos da moderna psicopatologia, atestando a possibilidade de haver, portanto, uma boa margem de variação da conduta, que sem chegar a ser

(79)- JASPER, Karl, - Psicologia General - Morata-Madrid, 1963.

anômala, strioto senso, nem por isso, poder-se-ia conceituar de normal. Seriam variações constantes e persistentes para o ser e que não ultrapassariam o limiar pragmático da "normalidade", isto é, que não implicaria numa diminuição do rendimento social e da capacidade psíquica de adaptar-se ao mundo circundante. Tais observações são necessárias como detalhe importante para compreensão do nosso ponto de vista, desde quando consideramos anormalidade, no plano psíquico, como equivalente a perda da capacidade de adaptação social em termos de possibilidade de realização vivencial. Igual como Stern (80) definiria o psiquicamente desviado, dizendo-o de "um homem quando não pode responder às exigências da sociedade, quando sua capacidade de acomodação a ela é nula, ou escassa, quando as relações com os seus semelhantes são difíceis. Enfermidade psíquica é, pois, perturbação da capacidade de adaptação social. O conceito de enfermidade resulta d'este modo deslocado, em grande parte, para o aspecto social".

Conforme tal aportação poderíamos então perguntar: Foi Antonio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, um insano mental, ou alienado?

(80)- STERN, Erich - Anormalidades psíquicas-
Ed. Labor-pg.168.

Se considerarmos que em Psicologia Social, assim como na moderna Psiquiatria, o conceito de insanidade mental, para não dizer a própria realidade mental, só tem significado e existência correlacionada como o mundo social, e quando diz respeito a algo relativo a normas e padrões de um dado grupo social, posto como referência, normas e padrões de um dado grupo social, posto como referência, normas e padrões destes, que variam, frequentemente, com relação a este mesmo grupo referencial, em função de tempo e ambiente, a resposta é negativa.

O conceito de "anormalidade psíquica", que mais uma vez repetimos, é extremamente relativo, está, na atualidade, no contexto das ciências do comportamento, tomado em relação aos próprios conteúdos culturais do grupo a que o indivíduo faz parte. É neste sentido, há que reformular-se o diagnóstico psicológico de Antonio Conselheiro, diagnóstico que o prestígio do professor Nina Rodrigues contribuiu para disseminar e dar foros de autenticidade científica.

Os dados em que se baseou o eminente autor das Coletividades Anormais, parece-nos falhos e que foram "descobertos" sob o comprometimento de uma ideologia científica: o enfoque médico-psiquiátrico.

Mas, além d'êste enfoque psiquiátrico, de tão graves consequências, que a fama de Nina Rodrigues fez entrar para a História através da divulgação que a grandeza literária de Os Sertões fez possível, nos ocorre perguntar se uma outra abordagem não pode ser tentada, abordagem mais fidedigna e mais de acôrdo com a verdade histórica, um approach mais no campo da Psicologia Social, tentando uma interpretação da personalidade da figura singular do Conselheiro, uma abordagem mais propriamente psicológica que médico-psiquiátrica, buscando compreender a verdadeira feição psicológica desta figura histórica, dublé de Santo, mensurs, líder carismático, chefe de uma comunidade, que uma série de circunstância de tempo e de lugar terminou por perpetuar através de acontecimento relacionado com uma " guerra absurda, envolvendo uma personagem mística que, como tantas outras do cenário nordestino, teria passado despercebida ou quando muito teria o destino de um padre Cícero, terminando por incorporar-se ao lendário sertanejo sem outras maiores consequências.

Certamente que não teria ido para o hospício o Conselheiro, como entrou para a História, conforme a famosa sentença euclidiana, não fora a infelicidade de ter existido num momento histórico tão propício a incompreensões, tão tumultuado e confuso como foram os tempos da fundação da nossa república. E porque foi assim, acreditamos que o

entendimento do seu problema psicológico não deve ser tentado apenas em termos de uma aporcação psiquiátrica pois, visto de outro ângulo, talvez em termos de uma análise vivencial, a natureza de sua personalidade perderia o caráter de anorma ou patológico.

Fruto de peculiares circunstâncias ambientais, a personalidade do famoso Maciel de Canudos sintetizou-se numa realização plena de normalidade.

Seu papel de místico e a conduta respectiva que manifestou, enquadram-se, adaptam-se ao quadro físico e social do tempo e de lugar, na sociedade onde viveu.

Foi um adaptado ao seu panorama e existencial, e como tal, visto daí, de dentro da sua realidade cultural, não há como imputar-lhe características de anormalidade psíquica.

Não é desconhecida nem surpreendente a observação de que a personalidade, no que diz respeito a sua estrutura referencial, é constituída a partir da experiência que o ser paulatinamente exercita e lhe é comunicada a medida que vive o seu mundo social, observação que Wolf(81) tão

(81)- WOLF, W.-Cultura e anormalidade "in Psicopatologia pg. 118 e es.!

bem colocou em páginas de uma clareza entusiasmante, bem como, mais recentemente também o fez Skinner. (82)

Daí o não dever-se considerar necessariamente como manifestação de loucura a variação de traços da personalidade, o modificar-se dos padrões de conduta em certos indivíduos. E o que nos conduz as observações de Jack (83) quando afirma não ser a personalidade tão imutável ao ponto de necessariamente persistirem constantes as suas características durante toda a vida, assinalando a possibilidade de alteração das características de personalidade, por meio de uma mudança nas circunstâncias concomitantes.

Muito importante, para a real compreensão da natureza da personalidade de Antonio Conselheiro, tanto ou talvez maior que o fator hereditariedade, como determinante, e seus aspectos correlatos e concomitantes, (integridades fisiológica "saúde mental" loucura, etc) é a compreensão

(82)- SKINNER, B.F. "O efeito da cultura sobre o indivíduo" in Ciência e Comportamento Humano- pg. 238.

(83)-JACK, L.M.-An experimental Study of Accendant Behavior in Pré-School Children-1934-citado em Otto Klinsber- op. cit. pg. 362.

que se deve ter do seu drama vivencial, simboliza do no seu estar-no-mundo, no seu existir como ser humano, sujeito a uma determinada realidade social. Os detalhes circunstanciais da história da vida de qualquer ser humano talvez, mais do que as suas taras hereditárias, são significativas para compreensão do fenômeno da sua personalidade, e necessariamente devem ser conhecidos e analisados por quem pretenda o estudo de sua atitude, conduta ou comportamento.

A personalidade de Antonio Conselheiro não é exceção.

Os verdadeiros limites da compreensão de sua personalidade fascinante, parece-nos, não podem ser dados pela abordagem psiquiátrica, pura e simplesmente. Vê-lo como ou louco é por demais primário e simplório, em se tratando de querer-se examiná-lo à luz de verdades mais totais, para validamente obter-se compreensão e entendimento de sua personalidade.

Enquadrá-lo sob um rótulo nosológico, como pretenderam Euclides e Nina Rodrigues, informa quase nada por restringir o exame a um só aspecto o da normalidade psíquica, que por só só diz muito pouco, como tivemos ocasião de assinalar no

início d'este nosso trabalho; é limitar eobremanei
ra as possibilidades de um entendimento dos móveis
(obrigatoriamente não apenas de natureza fisiológi
co-degenerativo, não simples caso de psicose, ou
manifestação de loucura) móveis que induziram An-
tonio Conselheiro, a ser o que foi: uma personali
dade introvertida-reativa, que configurou-se num
tipo psicológico de místico, como tantos outros .
Personalidade que num determinado momento de sua
existência, readaptou seu esquema vivencial usando
uma fórmula pouco comum, o papel de místico, sín-
tese existencial não muito comum, é bem verdade ,
sobretudo à sociedade global brasileira mas não
tanto a sua subcultura e época, natureza psicoló-
gica que ganhou caráter de anormalidade quando an-
alisada por Nina Rodrigues, como que de fora do seu
quadro circunstancial de tempo e espaço, quando a
nalisée por alguém que estranhou, por desconhecer
em sua real significância, as normas, os padrões,
o ethos que em SUMA constituiu-se em móvel daquela
fórmulação de personalidade.

Da mesma forma como por um impedimen
to cultural, foi difícil a Nina Rodrigues "pene-
trar" na verdadeira tecitura da personalidade do
Conselheiro, lhe foi fácil vê nos padrões de cont
duta do místico de Canudos, sinais evidenciadores
de anormalidade psíquica, que lhe permitiram enqua
drá-lo na fórmula psiquiátrica das psicoses, por-
que isto correspondia a um quadro referencial pro
prio da sua formação profissional.

Nina Rodrigue vê o Conselheiro como exemplo típico de delirante; é algo assim como na ra opinião, em sua natureza igual àquela de Araripe Júnior que tem o Conselheiro na conta de "Velho Besta, de mau bofes, que, traído pela mulher, se fêz devoto". Nós, contrariamente, preferimos pensar como J. de Costa Palmeira(84) quando acentua que a loucura do Conselheiro tem pouco significado, quase nada representa se não fôr levada em conta a psicologia da época e do meio, no momento em que se tentar uma sua análise mais séria. Diríamos mais completando, que o conceito de normalidade psíquica em si, não é significativa e a sua inclusão como objeto significativo no discutir do problema da personalidade do Conselheiro, só se seria pertinente o válido considerando-se como conceito cujo significado dependerá de uma inferência sociológica. E isto porque, voltamos a insistir, o conceito de anormalidade ou normalidade só é válido, só adquire significado de sanidade ou patologia numa sociedade que o julgue como tal a luz de determinados padrões culturais.(85) Observamos

(84)-PALMEIRA, J. da Costa-Acompanha do Conselheiro
Ed. Calvino Filho, Rio-1934.

(85)- Conforme H.S.Sullivan in "A entrevista psiquiátrica" Paidós-1964-B.Aires-pg.210"os sinais" de loucura podem estar presente no homem normal, pois nada há de exclusivo em qualquer desordem mental se se exetua seu padrão e modelo.

ainda que sem conviver com a história local, sem participar de memória coletiva, sem sofrer os fenômenos de aculturação próprios a um dado grupo, sem o recurso da observação participante, é muito difícil ao observador penetrar o ethos inerente a este grupo e como tal entender o real significado das manifestações comportamentais, das condutas e hábitos sociais que os membros do grupo em questão manifestam.

Convém também não esquecer que em várias culturas o tipo psicológico por nós convencionalmente chamado "louco", tem um alto status social, constituindo-se, muitas vezes seu comportamento estravagante em padrão de referência perseguido pelos outros membros da comunidade. (86)

Comportamentos, manifestações de conduta consideradas como sintomáticas de um desequilíbrio mental tem-se constituído em regra de comportamento, mesmo em nossa moderna cultura e sofisticada civilização v.g.a conduta dos hippies.

(86)-COSTA, Flávio J. Simões-"A Psicanálise dos Curandeiros".

-Este aspecto do problema foi por nós mais amplamente colocado no trabalho referido que apresentamos no decorrer deste Mestrado, ao Curso ditado pelo Dr. Estácio de Lima.

Assim, entendemos a possibilidade de analisar o problema da personalidade de Antonio Conselheiro, desprezando por improcedente à luz das nossas observações o que tantos já repetiram (87) quanto a sua anormalidade psíquica, e tentando, por assim dizer, uma compreensão mais psicológica e menos clínica de sua natureza psíquica.

Diríamos enfaticamente que, sob o ponto de vista da análise vivencial, considerando-se sua história de vida, os ambientes de família e do sertão onde se criou, que Antonio Conselheiro não foi um doente mental do tipo delirante como queria Nina Rodrigues e tantos outros.

Diríamos mais que para efeito de uma análise de sua personalidade que as fases da vida do Conselheiro, seu comportamento místico nada têm de loucura, antes representam normalidade e coerência com a forma de vida religiosa que adotou, quando readaptou seu esquema vivencial.

(87) Veja por ex. OLIVEIRA; Francisco Xavier de, ~~As~~ Minisências da Guerra de Canudos.

Esquizoide típico, por seu feitio individual, arredo que sempre foi ao meio, habitualmente guerreiro que o cercou desde o nascimento. É um paranóico no conceito germânico de Kraepelin.

Os fatos singulares de sua vida a - tribulada representam para nós, sobretudo, o manifiestar-se natural de uma personalidade buscando encontrar aquêlê destino onde melhor possa cumprir seu plano de vida, expressão das tentativas naturais que o ser empreende buscando realizar-se naquela configuração existencial onde menos sofra, resultado natural de uma personalidade mística que tentou realizar-se adotando papéis diversos na busca do seu destino vivencial.

Antonio Conselheiro não foi uma personalidade anormal. Não foi sequer um fanático. Falta-lhe para caracterizar-se como tal, na possível acepção patológica que o termo queria significar, aquelas evidências, aqueles sintomas que Loffer (88) assinalou indispensáveis para caracterizar o fanático como um tipo psicológico anormal.

Não foi um fanático. Nada há em sua atribulada existência evidenciando o ódio reprimido que daria caracterização ao tipo psicológico. Nada da idéia fixa que conduz a destruição sem motivo e razão; pois o Conselheiro nunca motivou

(88)- LOFFER, Eric, - "Os fanáticos" in Fanatismo e movimento de massas - Idôador 1968 - pg.137.

violências, nunca destruiu, embora pareça ao contrário. Viveu pregando o bem e a concórdia. Não destruía nem atacava, não praticou atos violentos como expressão de uma patologia mental, de fundo sádico. Apenas atacou, destruiu, defendendo-se quando foi atacado e barbara e inconscientemente destruído. E não é dizemos coisa mera tirada literária. Basta-nos a leitura dos artigos que Fávila Nunes escreveu contando os últimos dias de Canudos (89), páginas cheias de um lirismo macabro, e o libelo que Cezar Zema escreveu sob o pseudônimo de Wolsey (90) para compreender-se a impropriedade de imputar-se ao Conselheiro a classificação de fanático. Das leituras, sugeridas fica-nos a cruel revelação de que naquela guerra de irmãos que a inteligência reparou, não havia de um lado jagunços e fanáticos e de outro tropas regulares que lutavam em nome da ordem e do direito. La todos eram "fanáticos" e "jagunços", todos inspirados numa natureza hostil e adversa, eram inhumanos, insensíveis, bárbaros, psicóticos. Mas como se costuma dizer; isto é outra história...

(89)- Veja-se por ex. Gazeta de Notícia de 8-10-97
(90)-Libelo Republicano, acompanhado de Comentários sobre a Campanha de Canudos. Tipografia do "Diário da Bahia"- 1899- pg. 23 e 55.

O que pretendemos esboçar neste trabalho foi uma tentativa de reinterpretar o retrato psicológico de Antonio Vicente Mendes Maciel - o Conselheiro de Camudos, à luz de uma abordagem psico-social, tentando esclarecer dúvidas quanto a um diagnóstico famoso que o deu como portador de uma psicose sistêmica progressiva, doente mental que teria findado seus dias na fase megalomaniaca da doença.

Nossa intenção foi esclarecer que as manifestações de comportamento do Conselheiro, as exteriorizações de suas manifestações vivenciais só tem significado de loucura, de doença mental, quando vistas de outra dimensão cultural que não a sertaneja, como viu Nina Rodrigues. Visto e examinado à luz da sua realidade cultural, nada há de anormal no comportamento do Conselheiro. Sua patologia só se corporifica, materializa, sobressai, sob o enfoque conceitual das nossas normas culturais, dos nossos padrões de anormalidades psíquicas. É a relatividade da loucura fenômeno relativo que sempre é, o desequilíbrio mental só é reconhecido como tal à luz de certas referências culturais. Não esquecer na análise do problema da personalidade do Conselheiro que o sertão do seu tempo era o que era: uma sociedade mística, afogada na

superstição. À luz dos nossos padrões, uma sociedade anormal, como ambiente onde o delírio e o misticismo eram comuns, mas que para ela mesma era fenômenos rotineiros, contraditórios e portanto normais. No mais, fique-nos a observação de próprio Euclides da Cunha quando afirmou que a biografia do Conselheiro compendia e resume a existência magna da sociedade sertaneja.

Antonio Conselheiro não foi um anormal psíquico (aspecto psicológico) se analisada a estrutura psicológica de sua personalidade ubicada na realidade onde viveu, sofreu e se fez mártir